



2025  
PO  
ET  
C  
S

***CADERNO DE RESUMOS***

*Poéticas, ES - 2025*



## Sumário

### **Antropoceno: Arte e Espaços Urbanos em tempos digitais**

|                                                                                                                                                                                                        |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>O Cemitério de Santo Antônio como território da escultura pública no Espírito Santo: desafios de preservação e conservação da arte cemiterial. ....</b>                                             | <b>8</b>  |
| Isis Santana Rodrigues .....                                                                                                                                                                           | 8         |
| <b>Módulos de olhar: a cidade repensada por antigas perspectivas. ....</b>                                                                                                                             | <b>9</b>  |
| Léa Araujo .....                                                                                                                                                                                       | 9         |
| <b>Cemitério como Museu Interativo: Memória, Preservação e Tecnologias Imersivas. ....</b>                                                                                                             | <b>10</b> |
| Isis Santana Rodrigues e Aparecido José Cirillo .....                                                                                                                                                  | 10        |
| <b>Reflexões sobre o design na arte dos murais .....</b>                                                                                                                                               | <b>11</b> |
| Heliana Soneghet Pacheco .....                                                                                                                                                                         | 11        |
| <b>(Re)viver o monumento: uma performance que celebra a cultura local em Domingos Martins. ....</b>                                                                                                    | <b>13</b> |
| <b>Cenários Expandidos e a Reconfiguração da Espacialidade na Performance Imersiva. ....</b>                                                                                                           | <b>14</b> |
| Sandra Regina Bastos .....                                                                                                                                                                             | 14        |
| <b>Marcus Vinicius e suas ações performáticas realizadas em Vitória, em 2008.....</b>                                                                                                                  | <b>15</b> |
| Rafael Gonçalves Marotto.....                                                                                                                                                                          | 15        |
| <b>Imigração e arquitetura: apontamentos sobre os monumentos religiosos de colonos italianos no município de Alfredo Chaves - ES. ....</b>                                                             | <b>16</b> |
| Juliana de Souza Silva Almonfrey e André Secchin Viguini .....                                                                                                                                         | 16        |
| <b>Arte Pública Capixaba .....</b>                                                                                                                                                                     | <b>17</b> |
| Maria Gorete Pertele .....                                                                                                                                                                             | 17        |
| <b>Ecos invisíveis no espaço em trânsito.....</b>                                                                                                                                                      | <b>18</b> |
| Douglas Gomes Silva .....                                                                                                                                                                              | 18        |
| <b>Território enquanto dispositivo: diálogos entre a Residência Artística Solar das Andorinhas e o Mercado Municipal de São Mateus.....</b>                                                            | <b>19</b> |
| Raphael de Andrade Couto e Cristiano Luiz da Silva Tavares .....                                                                                                                                       | 19        |
| <b>Eu sou daqui: canção-afluente do projeto Linha D'água.....</b>                                                                                                                                      | <b>20</b> |
| Inara Noaves Macedo .....                                                                                                                                                                              | 20        |
| <b>A arte tumular como linguagem do inconsciente: símbolos de morte e ressignificação do cemitério monumental de Turim (Turim-Itália) e do cemitério monumental de Santo Antônio (ES-Brasil). ....</b> | <b>21</b> |
| Isis Santana Rodrigues; Fernanda Sena da Silva Ronconi; Jhony Ronconi. ....                                                                                                                            | 21        |



|                                                                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Experimentos digitais no ensino fundamental como estratégia</b> .....                                                   | 22 |
| Marcela Belo .....                                                                                                         | 22 |
| <b>O gesto criativo da artista Chris Coutinho.</b> .....                                                                   | 24 |
| Christiane de Souza Coutinho Orloski e Rosely Kumm .....                                                                   | 24 |
| <b>Hibridismo, apropriação e manipulação do real nas fotografias de Thomas Ruff e Orlando da Rosa Faria.</b> .....         | 25 |
| Ernandes Zanon Guimarães .....                                                                                             | 25 |
| <b>Aspectos da aesthesis decolonial na arte de Frans Krajcberg.</b> .....                                                  | 26 |
| Maria Marta M. Tomé .....                                                                                                  | 26 |
| <b>O disfarce cigano como estratégia de fuga em ambientes trans-históricos.</b> .....                                      | 27 |
| Deborah Nicchio Sathler .....                                                                                              | 27 |
| <b>Uma inteligência natural: o corpo-terra de Celeida Tostes</b> .....                                                     | 28 |
| Isabela Nascimento Frade; Giuliano de Miranda; Fabíola Fraga Nunes .....                                                   | 28 |
| <b>O Cadernos de Jean Michel Basquiat: Estratégias e transformações do seu processo criativo.</b> .....                    | 29 |
| Isabela Machado Breda .....                                                                                                | 29 |
| <b>Vida e obra de Murray Schafer: trânsitos pela música e pelo desenho.</b> .....                                          | 31 |
| Samuel de Oliveira Costa e Alexandre Siqueira de Freitas .....                                                             | 31 |
| <b>ARQUIVOS DA COR - expressões cromáticas em ambiente de pesquisa.</b> .....                                              | 32 |
| Déborah Sathler; Inara Novaes; Isabela Frade .....                                                                         | 32 |
| <b>DO ARQUIVO NACIONAL AO ARQUIVO VIVO: Villa-Lobos, Gandini e Caccuri em poéticas sonoras de memória e criação.</b> ..... | 33 |
| Jovani Dala Bernardina; Daniel Enache; Alexandre Freitas .....                                                             | 33 |
| <b>Palavra, imagem e cinema: uma leitura das traduções interartes de “O Cortiço”</b> .....                                 | 34 |
| Leonardo Borges Lelé e Stela Maris Sanmartin .....                                                                         | 34 |
| <b>Um desenho interminável.</b> .....                                                                                      | 35 |
| Lincoln Guimarães Dias .....                                                                                               | 35 |
| <b>EXPURGO</b> .....                                                                                                       | 36 |
| Isabela Nascimento Frade; Rosana Paste. Stela Maris Sanmartin .....                                                        | 36 |
| <b>Processo criativo e formatividade: reflexões sobre a obra de Guinga.</b> .....                                          | 37 |
| João Victor Castro Chequetto e Fabiano Araújo Costa .....                                                                  | 37 |
| <b>Entre poema, canção e gesto: a transcrição de Mortal Loucura em performance de Mônica Salmaso.</b> .....                | 38 |
| Andressa Zoi Nathanailidiis e Fabricio do Rosário .....                                                                    | 38 |
| <b>Performatividade, Corpo e memória.</b> .....                                                                            | 39 |
| Rosana Lucia Paste .....                                                                                                   | 39 |



|                                                                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>A medida de todas as coisas.</b>                                                                                                   | 40 |
| Stela Maris Sanmartin e Luciano Tasso Filho                                                                                           | 40 |
| <b>Polifuncionalidad del dibujo y actualidad de los procesos hápticos.</b>                                                            | 41 |
| Mónica Elisa Contreras Godinez                                                                                                        | 41 |
| <b>Gravura contemporânea: singularidade e multiplicidade como meios de transmutação.</b>                                              | 42 |
| Helena Freitas Saretta                                                                                                                | 42 |
| <b>A mão e o feed: poéticas do gesto e disputas de visibilidade artística.</b>                                                        | 43 |
| Iasmim Dala Bernardina Rodrigues e Natacha de Souza                                                                                   | 43 |
| <b>Louças se partirão: narrativas de impermanência entre esculturas e performance.</b>                                                | 44 |
| Ana Carolina Peixoto Eick                                                                                                             | 44 |
| <b>Projetos de investigação-criação na universidade: o caso de duas formações superiores em Processos de Criação (PUC-SP e UAlg).</b> | 45 |
| Patrícia Dourado                                                                                                                      | 45 |
| <b>De estátuas coloniais derrubadas à poética da criação: Impulsos para a escrita de Morenga (1978) de Uwe Timm.</b>                  | 46 |
| Denise Rocha                                                                                                                          | 46 |
| <b>Contraposto: considerações sobre escultura, tortuosidade e equilíbrio.</b>                                                         | 48 |
| Carlos Eduardo Ferreira Paula                                                                                                         | 48 |
| <b>Criatividade, Complexidade e Interartes: caminhos para o ensino de Arte na educação do futuro.</b>                                 | 49 |
| Eloiza Comério e Alexandre Siqueira de Freitas                                                                                        | 49 |
| <b>A identidade poética garoto-cacto e a experiência da dor.</b>                                                                      | 50 |
| Sandro Bottene                                                                                                                        | 50 |
| <b>Entre mangue, pele e paisagem: notas sobre a instalação "Nunca deixou de ser raízes".</b>                                          | 51 |
| João Victor Coser                                                                                                                     | 51 |
| <b>A literatura como instrumento de valorização da identidade negra nas escolas.</b>                                                  | 52 |
| Tatiani Ramos Piana                                                                                                                   | 52 |
| <b>A criatividade em Heitor dos Prazeres.</b>                                                                                         | 53 |
| Geraldo Henrique Tadeu Santos Teixeira e Alexandre Siqueira de Freitas                                                                | 53 |
| <b>Análise poética do processo de criação da máscara de cabelo.</b>                                                                   | 54 |
| Samylla Oliveira Mendes                                                                                                               | 54 |
| <b>Mudando Estruturas: O Modernismo Altera o Papel das Urdaduras na Tapeçaria.</b>                                                    | 55 |
| Beatriz de Carvalho Fortes                                                                                                            | 55 |
| <b>Entre a Arte e a Topografia: sentidos de uma aproximação ambivalente.</b>                                                          | 56 |
| André Magnago Alves                                                                                                                   | 56 |
| <b>Quando a arte é rito: percursos entre memória e ancestralidade.</b>                                                                | 57 |



|                                                                                                                                                                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Dulcineia da Silva Fernandes e Stela Maris Sanmartin .....                                                                                                                                                          | 57 |
| <b>Museu no quintal: entre o espaço habitado e a invenção poética infantil.</b> .....                                                                                                                               | 58 |
| Ana Rita Lustosa, Stela Maris Sanmartin e Luciano Tasso.....                                                                                                                                                        | 58 |
| <b>Invólucros e Peles</b> .....                                                                                                                                                                                     | 59 |
| Marcos Paulo Martins de Freitas .....                                                                                                                                                                               | 59 |
| <b>Nuvem na Galeria.</b> .....                                                                                                                                                                                      | 60 |
| Cláudia Maria França da Silva .....                                                                                                                                                                                 | 60 |
| <b>Cantor e compositor em affordances criativos.</b> .....                                                                                                                                                          | 61 |
| Lucila Tragtenberg e Livio Tragtenberg .....                                                                                                                                                                        | 61 |
| <b>Enredo: processos e poética.</b> .....                                                                                                                                                                           | 62 |
| Joedy Luciana Barros Marins Bamonte.....                                                                                                                                                                            | 62 |
| <b>Uso da tecnologia digital como ferramenta de educação patrimonial</b> .....                                                                                                                                      | 65 |
| Sumika Hernandez; Giuliano de Miranda; Fabíola Fraga Nunes; José Cirillo .....                                                                                                                                      | 65 |
| <b>Quando a lama vira chão: uma investigação sobre identidade e espaço escolar</b> .....                                                                                                                            | 66 |
| Sarah Damiani; Alice Brambati; Stela Maris Sanmartin .....                                                                                                                                                          | 66 |
| <b>A irrupção das ferramentas de inteligência artificial generativa no processo criativo tradicional da ilustração de livros infantis: um estudo de caso da publicação “Alice and Sparkle” de Ammar Reshi</b> ..... | 67 |
| Maria Clara Marins Rampinelli .....                                                                                                                                                                                 | 67 |
| <b>Um diálogo ruidoso: o jogo da deliberação de Mouchette.org aos atuais chatbots</b> .....                                                                                                                         | 68 |
| Rodrigo Hipólito dos Santos e Angela Grando .....                                                                                                                                                                   | 68 |
| <b>Territórios expandidos: virtualidade e realidade aumentada, seu impacto na arte e na produção e mediação de obras.</b> .....                                                                                     | 69 |
| Elvys Souza Chaves .....                                                                                                                                                                                            | 69 |
| <b>Arte e matéria escura cultural: saturação estética, imagens e ruídos algorítmicos</b> .....                                                                                                                      | 70 |
| Karyne Berger Miertschink Oliveira Maria Fernanda Sabine Santana; Daniel Hora .....                                                                                                                                 | 70 |
| <b>Embalados para viagem: os mercados de memórias coletivas em tempo de fruição e criação na era touch screen</b> .....                                                                                             | 71 |
| Ciliani Celante Eloi Jeronymo .....                                                                                                                                                                                 | 71 |
| <b>O Uso da TV 3.0 na Disseminação e Ensino das Artes</b> .....                                                                                                                                                     | 73 |
| Enyo Soares Pereira e Leandro Lesqueves .....                                                                                                                                                                       | 73 |
| <b>Tecnologia, arte e educação: o desenvolvimento do jogo digital Heróis Capixabas como ferramenta de apoio educacional</b> .....                                                                                   | 74 |
| Maria Carolina Martins Afonso .....                                                                                                                                                                                 | 74 |
| <b>Minha amiga IA - Um relato da experiência do processo criativo do saber-fazer artístico</b> .....                                                                                                                | 75 |
| Bruno Bissoli Pimenta .....                                                                                                                                                                                         | 75 |



|                                                                                                                                     |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Modelagem 3D: do desenvolvimento tecnológico às IA's generativas.....</b>                                                        | <b>76</b> |
| João Victor S. Fernandes.....                                                                                                       | 76        |
| <b>Alianças Cosmopolíticas: agenciamentos diplomáticos entre os campos da arte e da ciência77</b>                                   |           |
| Fernanda de Souza Oliveira .....                                                                                                    | 77        |
| <b>Entre Arquivos e Algoritmos: Convergências na Crítica de Arte e na Inteligência Artificial. ...</b>                              | <b>78</b> |
| Vanessa Pereira Vassoler .....                                                                                                      | 78        |
| <b>Máquinas de adaptação: Inteligência Artificial, mediação técnica e políticas da criação. ....</b>                                | <b>79</b> |
| Natacha de Souza e David Ruiz Torres .....                                                                                          | 79        |
| <b>Espaços de convergência da moda no âmbito digital: processos e ecossistemas criativos na era da IA .....</b>                     | <b>80</b> |
| Guilherme Araújo Chane .....                                                                                                        | 80        |
| <b>Do barro ao algoritmo: uma experiência de estágio supervisionado no ensino fundamental. ....</b>                                 | <b>81</b> |
| Maurício Jorge Ferreira Leal .....                                                                                                  | 81        |
| <b>"A arte é nossa ou do robô?": IA generativa e experiências no ensino das artes visuais .....</b>                                 | <b>82</b> |
| Maurício Jorge Ferreira Leal e Robson Xavier da Costa .....                                                                         | 82        |
| <b>A florestania e a arte: o compromisso ético com a Terra.....</b>                                                                 | <b>84</b> |
| Clarice Duarte Rangel e Isabela Frade .....                                                                                         | 84        |
| <b>Arte e matéria escura cultural: saturação estética, imagens e ruídos algorítmicos.....</b>                                       | <b>85</b> |
| Maria Fernanda Sabine Santana; Karyne Berger Miertschink; Daniel Hora.....                                                          | 85        |
| <b>Concept Art: fundamentos e funções na indústria audiovisual. Hugo Bernardino Rodrigues e Maria Carolina Martins Afonso .....</b> | <b>86</b> |
| Hugo Bernardino Rodrigues, Maria Carolina Martins Afonso.....                                                                       | 86        |
| <b>Do físico ao digital: Transformações no espaço de criação artística.....</b>                                                     | <b>87</b> |
| Andressa da Silva Freitas .....                                                                                                     | 87        |
| <b>Altered Carbon: ressignificando Poe em tempos de Inteligência artificial.....</b>                                                | <b>88</b> |
| Telma Elita Juliano Valente .....                                                                                                   | 88        |



2025  
PO  
ET  
C

**Antropoceno: Arte e Espaços  
Urbanos em tempos digitais**



## **O CEMITÉRIO DE SANTO ANTÔNIO como território da escultura pública no Espírito Santo: desafios de preservação e conservação da arte cemiterial.**

*Isis Santana Rodrigues*

PPGA/UFES - FAPES

O artigo tem como objetivo analisar o Cemitério de Santo Antônio, em Vitória (ES), como espaço de escultura pública e de memória coletiva. Inaugurado em 1912, o cemitério reflete políticas urbanas do início do século XX e reúne obras escultóricas que expressam valores sociais, históricos, artísticos e culturais da época. Atualmente, enfrenta problemas de conservação decorrentes do abandono, do uso inadequado de materiais, do vandalismo e dos furtos. A responsabilidade pela manutenção e preservação recai sobre as famílias, sem apoio técnico especializado, o que intensifica a degradação das esculturas. Portanto, a pesquisa evidencia a urgência de estratégias voltadas à preservação e a valorização do maior cemitério tradicional da região capixaba.



## **MÓDULOS DE OLHAR: a cidade repensada por antigas perspectivas.**

*Léa Araujo*

UFMG; LEENA/FAPES

A presente proposta intitulada “Módulos de olhar: a cidade repensada por antigas perspectivas” visa revisitar e reposicionar pensamentos e fundamentos desenvolvidos principalmente pela Internacional Situacionista, principalmente por Debord e Lefebvre, relativos aos espaços urbanos e modos de habitá-los. Dentre perspectivas conceituais como o *détournement*, a deriva e a psicogeografia, ligadas ao acaso em sua premissa, mas, em grande parte debilitadas pela utopia de uma mudança, como no caso da Nova Babilônia de Constant, e pelo rigor técnico aos quais o desenvolvimento das ações era submetido. Entretanto, seguem fundamentando práticas e poéticas de artistas e pensadores contemporâneos em um contínuo diálogo de projetos em permanente construção.



## **CEMITÉRIO COMO MUSEU INTERATIVO: Memória, Preservação e Tecnologias Imersivas.**

*Isis Santana Rodrigues*

PPGA/UFES – FAPES

*Aparecido José Cirillo*

PPGA/LEENA/ CNPQ/FAPES

Este artigo investiga as possibilidades de transformação do Cemitério de Santo Antônio, em Vitória (ES), em atrativo turístico por meio da aplicação de tecnologias imersivas, como o uso de óculos de realidade aumentada na criação de rotas interpretativas e a utilização de inteligência artificial para tornar interativos os monumentos tumulares, promovendo um ambiente lúdico, educativo e interativo. A proposta busca ressignificar a memória coletiva por meio da mediação cultural digital, ampliando tanto a preservação patrimonial quanto o potencial turístico do espaço. Para sustentar essa abordagem, foram utilizados registros fotográficos, análises interpretativas dos elementos escultóricos e revisão bibliográfica em periódicos especializados, compondo uma leitura crítica sobre o patrimônio. A pesquisa de campo contemplou ainda aspectos de infraestrutura, acessibilidade e segurança, orientando a formulação de propostas iniciais para um possível convênio entre a Prefeitura de Vitória e a Universidade Federal do Espírito Santo.



## REFLEXÕES SOBRE o design na arte dos murais

*Heliana Soneghet Pacheco*  
*DDI/UFES*

A palavra inglesa “design” já foi incorporada ao vocabulário nacional como representante de uma área que planeja e executa projetos de comunicação visual, produto, moda etc. Por sua vez, design veio do Latim, “designare”. Há quem traduza como desenho e comumente vemos quem diferencia o projeto do desenho. Há também quem usa a força da palavra em latim, para desenhar aquilo que queremos que aconteça, entendendo design como “designo” e tendo, assim o desenho com uma força de comunicação forte, direcionada. Há uma teoria de que os homens das cavernas, desenhavam, não necessariamente o que aconteceu, mas, a partir da experiência deles, o que eles queriam que acontecesse. A caça era desejada então desenhava-se a cena da caça e depois ia-se de encontro ao desejado. Numa sala de aula construída entre duas jaqueiras no meio de uma universidade onde edifícios de concreto eram salas de aula, a Barraca da PUC-Rio tinha/tem paredes de treliça amarradas por cordinhas e, portanto, transparente. Ali se ensinava/ensina Design na sua origem mais primitiva da palavra. Ao ser possível olhar para fora, a realidade alimentava e era alimentada pelos exercícios práticos de projetos, ou seja, de design. Uma das ferramentas de ensino usada eram os desenhos. Momento em que estudantes mostravam o que viam nas escolhas do que representar. E depois, desenhando o que queriam que acontecesse, como os seres humanos das cavernas. Como aluna e depois professora da “Barraca”, sou povoada pelas experiências vividas ali. Visitando a Serra da Capivara em agosto de 2024, me deparei com a arte rupestre com mais de 30 mil anos em paredes, curiosamente do lado de fora, e não em cavernas, já que o clima árido e quente, somados a tinta usada, não deixaram os desenhos desbotarem ao ar livre. Nesta semana no Piauí, deparei-me com o que chamei de design rupestre. Cenas do cotidiano, não só caça e animais, mas partos, celebrações com imagens de árvores e uma cena impressionante de cambalhotas. Era claramente design da informação, pois a cena mostrava detalhes de como se davam as cambalhotas. Ali a arte e o design se encontravam. A habilidade e técnica dos desenhos alinhada a uma história contada com detalhes expressivos de comunicação visual. Neste ano, todas essas impressões



caminharam junto da pintura de um mural num Projeto de Extensão junto a comunidade de Maruípe em Vitória, ES. Ali, trabalharam juntos professores e alunos da Escola Hildebrando Lucas e alunos do curso de design da Ufes com apoio de designers egressos do mesmo curso de design.



## **(RE)VIVER O MONUMENTO: uma performance que celebra a cultura local em Domingos Martins.**

*Rosely Kumm*  
PPGA/LEENA/FAPES

A presente pesquisa acadêmica evoca um percurso pela cidade que perpassa tudo aquilo que afeta a percepção do habitante, destacando a paisagem, a arte pública e a cultura local. Ao escolher percorrê-lo, será possível vislumbrar os diferentes elementos que compõem esse ambiente, e que evidenciam a relação entre a arte e as múltiplas identidades humanas que nela coexistem. Nesse sentido, os monumentos públicos são uma forma de arte que acrescenta à paisagem local, uma narrativa histórico/social, conectando o passado e o presente da comunidade. De acordo com o autor Yi-fu Tuan, esses elementos transformam o lugar em um espaço carregado de significados, onde a população pode estabelecer vínculos emocionais profundos, reforçando a relação afetiva entre os habitantes e o ambiente que habitam. Assim, essas relações afetivas permitem que certos monumentos de arte pública se tornem elementos icônicos, que mantêm viva a memória coletiva. Nesse sentido, destacamos aqui uma prática cultural única observada na cidade de Domingos Martins, no interior do Espírito Santo. Trata-se de uma performance representando o Monumento ao Colono Imigrante, que faz parte da paisagem local desde 1957, como marco da emancipação política do município. Anualmente, durante a Sommerfest - Festa da Imigração Alemã -, esse monumento é simbolicamente “revivido” por algum morador local, que se voluntária a trajar um figurino característico, incorporando o monumento, tornando-o uma peça viva que desfila junto com as demais alegorias, celebrando a memória coletiva e a herança histórico-cultural da cidade. Tendo em vista sua potencialidade educativa, os monumentos de arte pública, ao ocupar um espaço na paisagem cotidiana, desempenham um papel formativo para a cultura local. A própria comunidade, ao estimular a valorização da memória coletiva por meio de manifestações artísticas, garante a preservação de sua cultura para as futuras gerações.



## **CENÁRIOS EXPANDIDOS e a Reconfiguração da Espacialidade na Performance Imersiva.**

*Sandra Regina Bastos*  
Pesquisadora independente

Este trabalho analisa a cenografia em exposições como linguagem ativa, imersiva e crítica, compreendendo o espaço não como suporte neutro, mas como dispositivo simbólico, ideológico e sensorial. Com base em autores como Chauí, Laraia, Rancière, Dussel, Mignolo, Fanon, Santaella, Krenak, Stengers, Bishop e Féral, investiga-se como cenografias panorâmicas reorganizam o sensível, questionam normas curatoriais e ampliam modos de presença, fruição e participação do público. Parte-se da premissa de que a cenografia constrói sentidos e discursos, articulando corpo, espaço e narrativa, ao mesmo tempo em que atua como mediadora estética, política e pedagógica. A metodologia combina revisão teórica de referenciais filosóficos e culturais com análise de experiências expositivas autorais e de referência, considerando cenografias que ativam atmosferas sensoriais, interativas e afetivas. Observa-se que tais práticas potencializam curadorias descoloniais, abrindo espaço para narrativas indígenas, afro-brasileiras, populares e dissidentes, permitindo múltiplos modos de existência e percepção do mundo. A arte contemporânea tensiona limites entre corpo, espaço e linguagem. Nas exposições panorâmicas e imersivas, corpos dissidentes rompem normas de gênero, raça, sexualidade e capacitismo em diálogo com cenografias expandidas. Esses corpos não apenas habitam: vibram, desafiam e transformam o espaço, que deixa de ser inerte e passa a ressoar afetos, tensões e rupturas. A cenografia, assim, deixa de ser suporte neutro e torna-se território vivo, produtor de sentidos, resistência e experiências sensíveis e críticas. O estudo evidencia que a cenografia é linguagem crítica que articula corpo, espaço e tecnologia, permitindo narrativas em afetos compartilhados. Espaços expandidos tornam-se territórios de experimentação estética e política, nos quais público e cenário cocriam experiências transformadoras, reafirmando seu papel como prática estética, pedagógica e mediadora de sentidos e críticas.



## **MARCUS VINICIUS e suas ações performáticas realizadas em Vitória, em 2008.**

*Rafael Gonçalves Marotto*  
PMConceição Castelo/CAPES

Natural de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, o performer Marcus Vinicius se torna um dos maiores nomes de ação performática executadas nos espaços capixabas. Após uma imersão nos territórios latino-americanos, em especial na Argentina, onde o artista cursava o doutorado na Universidade de La Plata. Em 2008, Marcus Vinicius retorna ao Espírito Santo e realiza três performances — *Querer*, *Leve* e *Raiz* — reunidas no projeto *Ações para Vitória*. Essas obras dialogam com sua origem, sua memória e sua ligação com o território capixaba, explorando pertencimento e identidade. Em *Querer*, o artista remete às brincadeiras da infância ao despetalar uma flor, evocando desejos e lembranças que se transformam em reflexão sobre o tempo e a vida adulta. Já em *Leve*, sentado diante do mar e soltando balões brancos, busca transmitir uma sensação de liberdade e transcendência, evocando o poema “No meio do caminho tinha uma pedra”, de Drummond, e refletindo sobre desafios e superações. Em *Raiz*, ao enterrar seus cabelos na terra, reafirma suas origens e estabelece uma troca simbólica de energia com o lugar de onde veio, em gesto de reconexão e pertencimento. Essas ações, mesmo simples em sua execução, revelam camadas de sentido poético e existencial, reafirmando a trajetória de MV como artista que transforma memória, desejo e território em experiência estética e performática. O artigo versara sobre a construção poética do artista, reafirmando seus desejos e intenções na execução dos três trabalhos mencionados. Para uma afirmação, Salles (1992, 2013) e Cirillo (2019) serão utilizados para destacar os arquivos de exposição, que antecedem e complementam as criações do artista.



## **IMIGRAÇÃO E ARQUITETURA: apontamentos sobre os monumentos religiosos de colonos italianos no município de Alfredo Chaves - ES.**

*Juliana de Souza Silva Almonfrey*

DTAM/UFES

*André Secchin Viguini*

DTAM/UFES

O presente trabalho aborda o tema da arquitetura religiosa realizada por imigrantes no Brasil. Tem como foco monumentos localizados em Alfredo Chaves, município do Espírito Santo. Conhecido por receber estrangeiros italianos em massa a partir do final do século XIX, foi no entorno das primeiras capelas que as comunidades dos colonos foram formadas. Com uma área de aproximadamente 616,50 km<sup>2</sup>, a região possui um total de 50 igrejas de confissão católica, muitas delas a poucos quilômetros das outras, de variada devoção e com o uso religioso ativo. Busca-se realizar alguns apontamentos sobre o processo de criação desses monumentos, observando aspectos de assimilação de referências internas e externas na constituição da arquitetura do município. Por meio de análises, utilizando os pressupostos teóricos de Baxandall (2006), procura-se identificar vestígios da manutenção das tradições da região de origem dos imigrantes na configuração desses edifícios. Dedicado a análises inferenciais, o autor procura investigar as diretrizes que direcionam a criação de uma obra/monumento, fornecendo uma compreensão contextual desse processo. Empregando uma ferramenta que chama de *troc* (palavra francesa que significa troca, permuta), é através dela que percebe a relação do indivíduo criador com fatores de natureza cultural que, em certa medida, podem interferir no processo de elaboração de um trabalho de arte/monumento de arquitetura. Nessa perspectiva, procura-se estabelecer relações entre o objeto de estudo e as suas circunstâncias, compreendendo a arquitetura do colono italiano como manifestação da identidade de uma comunidade e dos momentos de sua formação.



## **ARTE PÚBLICA Capixaba**

*Maria Gorete Pertele*

UFES/FAPES

O Projeto Arte Pública Capixaba foi idealizado e desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa LEENA (Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes) da Universidade Federal do Espírito Santo, com o apoio da Fundação de Apoio a Ciência e Tecnologia no Espírito Santo (FAPES), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT). O projeto reúne e disponibiliza imagens fotográficas e dados relacionados à sua concepção, ao autor e à localização geográfica de mais de 600 (seiscentas) obras de arte pública espalhadas pelos 78 (setenta e oito) municípios capixabas, separadas por categorias como Escultura, Muralismo, Heráldica, Mobiliário Urbano, Marco/Memorial, Vitral, entre outros. Além de resgatar memórias coletivas e promover o reconhecimento da arte como parte da identidade capixaba, tornando visíveis aquelas imperceptíveis no cotidiano urbano, o projeto é também uma ferramenta de inclusão e democratização, pois o que somente era possível acessando as bibliotecas físicas, agora está à disposição do público em geral um acervo de grande relevância cultural, histórica e social, ampliando o alcance da pesquisa acadêmica e buscando a valorização do patrimônio artístico local. A digitalização e a divulgação desses dados no site [www.artepublicacapixaba.com.br](http://www.artepublicacapixaba.com.br) possibilita a preservação da história e a ampliação do diálogo entre pesquisadores, artistas, gestores culturais e a comunidade em geral, podendo também ser utilizado como uma importante ferramenta pedagógica no campo da educação patrimonial. Assim, o Arte Pública Capixaba deve ser visto, não apenas como um repositório, mas como um instrumento de preservação da memória, de promoção da cidadania cultural e uma valiosa ferramenta capaz de auxiliar os professores da rede básica de ensino como material complementar às aulas de artes e de história no estado.



## **ECOS INVISÍVEIS no espaço em trânsito.**

*Douglas Gomes Silva*  
*Pesquisador independente*

O presente artigo aborda o processo de criação da intervenção urbana temporária "Faces da Palavra" (2025), que investiga as articulações entre arte pública, tecnologia e inteligência artificial como dispositivos de documentação, difusão e mediação cultural. A intervenção será realizada nos sete bustos de escritores brasileiros, integrantes do projeto Corredor Cultural (Nilson Camizão, 2008) em Colatina/ES. Cabe destacar que o espaço originalmente concebido como corredor foi reorganizado em uma disposição linear, redefinindo, assim, as dinâmicas de circulação, fruição e percepção do público. A proposta consiste na instalação de placas cromáticas com QR Codes, que permitem o acesso a conteúdos sonoros gerados por inteligência artificial. Esses conteúdos apresentam narrativas que contextualizam a vida e a obra de cada autor, além de fornecer informações sobre o projeto, estimulando uma experiência estética expandida, sensorial e interativa. De forma complementar, será publicado o livro "Cidade Transversa, Faces Deslocadas", reunindo fotografias, desenhos iconográficos e textos críticos, com o intuito de documentar o conjunto escultórico. Busca-se, com isso, ampliar as possibilidades de fruição, análise crítica e valorização da arte pública local, bem como tensionar a relação entre memória, espaço urbano e práticas contemporâneas de mediação cultural.



## **TERRITÓRIO ENQUANTO DISPOSITIVO: diálogos entre a Residência Artística Solar das Andorinhas e o Mercado Municipal de São Mateus.**

*Raphael de Andrade Couto  
Cristiano Luiz da Silva Tavares*

O presente texto parte do projeto de Residência Artística Solar das Andorinhas e seu diálogo com as comunidades e territórios da cidade de São Mateus. Pretende, a partir de alguns trabalhos desenvolvidos pelos artistas residentes nas, até agora, três edições da Residência, traçar uma reflexão sobre o papel das comunidades e territórios tradicionais e contemporâneos na construção de uma identidade múltipla do norte capixaba. Neste recorte, o texto reflete sobre a influência do Mercado Municipal no imaginário dos artistas, seu papel central na construção de uma identidade da cidade, e se é possível definir este território como um ‘ecossistema estético’. Localizado no centro da cidade, o Mercado Municipal abriga uma série de pequenos comércios, principalmente tendas de quilombolas que vendem uma infinidade de produtos: farinhas, bijus, temperos, ervas medicinais, frutas, panelas e colheres de pau - além de tendas de peixes e frutos do mar, um restaurante, barbearias e um sebo. Com seu espaço aberto, as tendas se organizam de um modo estético próprio, acumulando textos, caixas, sacas, sobrepondo cheiros, texturas e paladares. Essa centralização influenciou diretamente a maioria das pesquisas dos artistas residentes do projeto: Nau Vegar constrói suas Mizuras (seres fantásticos da floresta) a partir dos urucuns e ervas compradas no Mercado, finalizando sua performance neste local. Mônica Galvão inicia ali sua deriva, misturando à areia a tradicional farinha super fina da região. Letícia Bertagna explora a paisagem do Mercado, seus cartazes e texturas, construindo outras narrativas com impressões em cianotipia. Já Carolina Amorim fotografa os próprios vendedores do Mercado em dupla exposição com suas tendas, construindo um híbrido entre retrato e paisagem. Assim, o Mercado se configura como um ecossistema estético, numa construção coletiva da identidade da cidade e enquanto dispositivo para a construção de narrativas e poesias ao pensar a cidade de São Mateus.



## **EU SOU DAQUI: canção-afluente do projeto Linha D'água.**

*Inara Noaves Macedo*  
PPGA/UFES; PMVV

Linha D'Água: corpos, memórias e lugares é um território de criação que investiga as conexões entre corpo, memória e lugar, utilizando a água como metáfora e elemento simbólico central. Dentro desse percurso, a canção Eu sou daqui surge como um afluente, composta em 2012, mesmo ano do início da pesquisa. Em meu processo criativo musical, letra e melodia não costumam pedir licença, podem surgir durante um sonho ou lavando a louça, como brisa leve ou como um trovão. Podem ter como matéria-prima os acontecimentos cotidianos ou as densas emoções que perduram até serem expurgadas. Fragmentos guardados por anos ou por segundos que podem tornar-se canção ou bússola para criações futuras. O fato é que nada se perde, pois tudo pode vir a ser. Foi assim que surgiu o trecho “Eu sou daqui, eu não sou de lá/ vim com a correnteza que desemboca no mar”, que permaneceu na gaveta mental até encontrar a fala de uma amiga “pé no chão, cabeça no mundo”. Esse trecho inspirou a criação da frase que se tornaria refrão: “Nasci na certeza de viver nesse meu chão, com os pés na areia e a cabeça na imensidão”. Ao dizer “Eu sou daqui”, a canção faz contraponto ao “Eu não sou daqui” de Marinheiro só, reafirmando um lugar de fala, de identidade e de (r)existência. Como metáfora condutora da canção, a água se manifesta na “correnteza que desemboca no mar”, fazendo menção às memórias, espiritualidades e à Barra do Jucu, lugar onde vivo e onde ocorre o encontro do Rio Jucu com o Oceano Atlântico. A ancestralidade afro-indígena se manifesta na escolha do gênero Ijexá e na presença marcante das percussões que dão corpo e sentido à canção, que anuncia a esperança de replantar desejos: a saudade do que não se realizou pode ser broto capaz de tornar-se flor. Por fim, Eu sou daqui é canção-afluente, testemunho de memórias e estados do ser que se entrelaça às poéticas da criação presentes na pesquisa Linha D'Água: corpos, memórias e lugares. Palavras-chave: Linha D'água; Processos de Criação; Composição Musical.



**A ARTE TUMULAR COMO LINGUAGEM DO INCONSCIENTE:  
símbolos de morte e ressignificação do cemitério monumental de Turim  
(Turim-Itália) e do cemitério monumental de Santo Antônio (ES-  
Brasil).**

Isis Santana Rodrigues;  
Fernanda Sena da Silva Ronconi;  
Jhony Ronconi.

Este artigo analisa a arte tumular como linguagem simbólica do inconsciente, capaz de ressignificar o vazio da morte. Sob uma perspectiva psicanalítica, examinam-se o Cemitério Monumental de Turim, na Itália, e o Cemitério de Santo Antônio, em Vitória (ES), nos cemitérios como espaços de memória e elaboração da perda. As esculturas e símbolos funerários são abordagens visuais que expressam tanto os significados inconscientes do luto quanto as mensagens das famílias enlutadas. Como inovação metodológica, propõe-se a criação de um atlas simbólico digital, desenvolvido com análise humana e apoio da inteligência artificial, reunindo e classificando imagens em categorias comparativas (anjos, flores, colunas, mãos etc.). O estudo evidencia como, apesar das diferenças culturais, ambos os cemitérios revelam dores universais, ressaltando a força da arte em transformar ausência em presença simbólica.



## **Experimentos digitais no ensino fundamental como estratégia**

*Marcela Belo*

LEENA; PMC



**Processos Criativos em Escala**  
**Humana e Digital**



## **O gesto criativo da artista Chris Coutinho.**

Christiane de Souza Coutinho Orloski e  
Rosely Kumm

O processo criador é um lento fluir das ideias que, aos poucos, ilumina uma intenção até então nebulosa na mente do artista. Imersa nesse delicado e complexo trajeto de descoberta e expressão, a arte-educadora paulista Chris Coutinho viu surgir o ensejo de iniciar sua carreira como artista visual em 2019, ao se mudar para Vitória e descobrir aqui um lugar (e um ritmo) propício para desenvolver sua poética. Sua escolha de materiais, a princípio, recaiu sobre o papel, explorando desenhos feitos com bisturi para criar imagens por meio de sobreposições de camadas. Cada lâmina de papel carrega uma parte do todo, colorida com lápis de cor e cortada manualmente pela artista. Depois, as camadas são sobrepostas revelando uma imagem final com efeito de profundidade. Mais recentemente, a artista também tem explorado a sobreposição de tecidos translúcidos, que criam uma atmosfera imersiva e quase misteriosa em suas paisagens. Nesse sentido, seu trabalho dialoga com o conceito japonês de Ma, entendido como o espaço-entre, o intervalo (de tempo e/ou espaço) que dá sentido ao que está ao redor. Em suas sobreposições delicadas de papel ou tecido, cada camada revela não apenas as formas da imagem, mas os silêncios que as contornam, criando um ritmo visual que convida à contemplação e à escuta do que é quase imperceptível. Seu gesto artístico é uma forma de cultivar o sensível para desacelerar o olhar e reencontra, na simplicidade do natural e nas paisagens cotidianas, um lugar de respiro. Diante disso, o presente resumo apresenta o trabalho de Chris Coutinho destacando sua escolha pela manualidade, cujas camadas sobrepostas, os vazios sutis, as transparências e os silêncios visuais, convidam o espectador a perceber o Ma, e habitar esse entre - esse tempo de pausa, de percepção do que não é imediatamente visível, mas que pulsa ali, nos detalhes.



## **HIBRIDISMO, APROPRIAÇÃO e manipulação do real nas fotografias de Thomas Ruff e Orlando da Rosa Faria.**

Ernandes Zanon Guimarães

O presente artigo analisa a produção fotográfica de Thomas Ruff e Lando, destacando suas aproximações em relação à apropriação, hibridização, manipulação de imagens e pós produção. Enquanto Ruff manipula imagens, inclusive retiradas da internet e de arquivos visuais – de retratos tipológicos a imagens astronômicas, midiáticas e pornográficas – a fim de problematizar a circulação e a legibilidade das imagens na era digital, Lando aposta na instabilidade perceptiva como estratégia estética, utilizando efeitos digitais e visuais para desestabilizar a lógica mimética da fotografia. A partir de referenciais teóricos como Lucia Santaella, Roland Barthes, Néstor Garcia Canclini, Alain Badiou, Michael Archer, Jean Baudrillard, Nicolas Bourriaud e André Rouillé, argumenta-se que ambos os artistas deslocam a fotografia de sua função representacional, instaurando-a como campo de experimentação e reflexão crítica sobre a produção artística contemporânea.



## **ASPECTOS DA AESTHESIS DECOLONIAL na arte de Frans Krajcberg**

Maria Marta M. Tomé

Analisar a vida e obra de Frans Krajcberg buscando identificar aspectos da aesthesis decolonial na arte desse artista ecólogo que, como refugiado da Segunda Guerra Mundial e filho do degredo, encontra no Brasil: matéria para sua estética, natureza como vida para sua (re)existência e a aesthesis na arte. Considerando a trajetória do artista, busca-se entender a estética decolonial e a desobediência estética como chave para compreender sua arte. O termo decolonial, direcionado a estética de Krajcberg, torna-se apropriado quando a arte produzida a partir dos elementos naturais – “vivos” em plenitude plástica ou “mortos” como florestas queimadas – anula as bases de poder historicamente estabelecidos pelos colonizadores europeus. Busca-se contrapor a estética e seus valores coloniais históricos e a aesthesis em uma arte decolonial no contexto Krajcberguiano. O termo estética, no sentido moderno, surgiu na Europa (séc. XVIII), especialmente com Alexander Baumgarten e Immanuel Kant, como disciplina filosófica que estabelecia critérios universais de gosto, beleza e arte. Walter Mignolo argumenta que essa ideia universal foi instrumento do projeto colonial e definiu padrões eurocêntricos que marginalizaram e deslegitimaram outras formas de sensibilidade e criação artística. A presença singular de Frans Krajcberg no cenário artístico do Brasil pode ser vista a partir da estética decolonial pela forma como ele próprio desloca seu olhar eurocentrado. Embora formado em uma tradição modernista, sua obra se enraíza na denúncia da devastação ambiental, na valorização da natureza como sujeito, na memória coletiva, abrindo espaço na sua vida e arte para uma macro visão cosmológica do Brasil. Autores contemporâneos vêm motivando a pesquisa em Krajcberg pelo viés da arte decolonial, na perspectiva de expansão dos campos sensíveis, como reflete Jacques Rancière, e como essa sensibilidade se comporta em tempos de insensibilidade moral, como traz Zygmunt Bauman.



## **O disfarce cigano como estratégia de fuga em ambientes trans-históricos.**

Deborah Nicchio Sathler

Este artigo aborda temas relativos aos agrupamentos de ciganos artistas brasileiros, e suas práticas artísticas, valendo-se de procedimentos da História Oral de Vida, buscou-se, por meio de narrativas ciganas, caminhos para compreender as performances identitárias do ser\ não ser cigano, que inclui questões de gênero e memória grupal, bem como o pretenso disfarce-estratégia como fuga da perseguição histórica e enfrentamento aos estigmas para um convívio com o mundo externo contemporâneo. E que afloram evidências da suposta tradição em confronto com a modernidade, nas expressões de manifesto de vida, que revelam posicionamentos originais presentes em ambientes trans-históricos.



## **Uma inteligência natural: o corpo-terra de Celeida Tostes**

Isabela Nascimento Frade  
Giuliano de Miranda  
Fabíola Fraga Nunes

Como discussão animada pela trajetória de Celeida Tostes, nos propomos a pensar os aspectos de imanência de sua obra *Passagem*, postulando, para a apreensão vívida do trabalho, o conceito de inteligência natural. Tratamos o diálogo corpo-terra estabelecido pela artista em distintas fases e abordagens, nas quais se evoca um mesmo princípio: contar com um temperamento, uma base substancial, uma inteligência intrínseca da terra. A obra em questão trabalha em seu estado plástico primordial, a argila, que, sob a égide do encontro com esse pensamento íntimo, exala tal intensidade poética que a consideramos o cerne dessa consciência material. Como rito de passagem, a artista vive em *Passagem* um intenso aterramento: ao submergir sob um grande vaso/útero de argila úmida, entrega-se à interiorização e ao abandono. O mergulho em *Passagem* não é apenas um ato performático, mas testemunho da potência da terra em sua ligação atávica com a vida. A argila, conduzida pela artista, torna-se substância de uma experiência que transcende a técnica e se enraíza na condição existencial. Do mesmo modo, em produções como a *Casa das Artes* na comunidade do Morro do Chapéu Mangueira, a artista estendeu sua ritualística material para a esfera social. Atuando em diálogo com moradores da comunidade no Rio de Janeiro, transformou o barro em instrumento de pertencimento, partilha e invenção grupal. O gesto artístico abria-se como processo societário, onde a criação era tecida em conjunto, evocando uma forma de consciência que nasce do encontro, na conjunção comunitária pela escuta da matéria. Ao revisitar *Passagem* e *Casa das Artes*, vemos a prática que insistia na presença e na intensidade sensorio motora em oposição à abstração crescente das formulações maquínicas. Se hoje nos perguntamos sobre o lugar do humano diante da tecnologia, sua obra responde pela via da terra: há uma condição que não pode ser calculada ou simulada, pois está inscrita no gesto, no afeto e na experiência vivida. Seu legado, entendemos, persiste como um chamado para que não percamos de vista a densidade material e sensível da vida, mesmo em tempos de virtualização e algoritmização crescentes. O barro, em sua miríade de estados e enraizamentos culturais, torna-se veículo de uma inteligência natural que conecta corpo e mundo, memória e criação, passado e futuro.



## **O Cadernos de Jean Michel Basquiat: Estratégias e transformações do seu processo criativo.**

Isabela Machado Breda

Esta pesquisa tem como premissa os cadernos de Jean Michel Basquiat e como eles podem revelar estratégias e transformações do seu processo criativo. Esses cadernos foram comprados no final dos anos 1980 pelo colecionador e empresário da arte Larry Warsh e que no ano de 2015 disponibilizou em formato de livro fac-símile a venda dele, este facsimile conta também com algumas folhas soltas, que não estavam presentes em cadernos. O fac-símile, este livro de arte que acende nos olhos dos receptores como objeto de arte, levanta discussões pois “Os cadernos de artistas ganharam uma nova percepção, eles se tornaram “fetiche nas artes visuais e nas curadorias de exposições, deixando inclusive de ser o lócus de anotação para se transformar em uma outra categoria, a de obra” (CIRILLO, 2019, p 25). O facsimile vai estimular três discussões: a primeira é, os cadernos - os originais - de Jean Michel Basquiat eram cadernos de artista, ou um simples caderno de anotações? A segunda: Os cadernos de Basquiat viraram obra? A terceira: em que categoria o facsimile estaria enquadrado? Em objeto de arte? São essas questões que suscitam esta pesquisa. O uso de cadernos se dá bem no início das atividades criativas da humanidade, com esse uso compacto sempre à mão, ele funciona como um expurgador de ideias. Os cadernos de Basquiat sugerem que são um caderno de notas pelas suas intervenções porém a nomenclatura do caderno de artista é utilizada para descrever incisivamente que o seu possuidor desenvolve algum tipo de trabalho na área de artes visuais, o que é o caso de Basquiat. Para isso, observamos então, que a intervenção nessas folhas de cadernos é a principal causa para nomear assim o ‘caderno de artista’. Existe todo o tipo de intervenção nos cadernos do artista Basquiat, desenhos, jogos gráficos, poesia, letras de música, listas anotações, números de telefone... A obra de Basquiat foi descrita por Dieter Buechert (2022) como um enérgico e eloquente trabalho de uma vida. O artista tinha como sua expressão fortes cores, materialidades diversas, sua temática eram reis, heróis e a rua. Esses cadernos eram uma prática separada para articular pensamentos íntimos e poéticos. É com essas intervenções que esse estudo busca relacionar a construção da poética visual de Basquiat e também o seu modus operandi perante a vida, “a capacidade do artista de ordenar a experiência, configurar o mundo e dar-lhe significado” (Ostrower, 2001). Os cadernos de Basquiat são logicamente



associados a objetos assessores do pensamento do processo criativo do artista, eles não eram concebidos para exibição pública, então esses cadernos após sua morte foram recategorizados, ganharam o status de obra. Os cadernos funcionam como ferramentas privadas de trabalho do artista e com a morte prematura do artista cria-se então uma “escassez em suas obras”, logo tem-se um interesse crescente em sua biografia e processo criativo, uma valorização mercadológica de qualquer material autógrafa e uma institucionalização através de museus e coleções, este último aconteceu pela coleção de Larry Warsh. Então essa transformação de status quo que sai de elemento analítico no processo criativo para a obra se dá pelas ações do processo mercadológico sofrido pela morte prematura do artista. O importante é não naturalizar essa transformação, mas analisá-la como processo histórico e cultural específico que revela muito sobre como definimos "obra de arte" na contemporaneidade. Portanto a problemática central interroga como os cadernos revelam as operações mentais e estratégias criativas do artista, desdobrando-se em questões sobre padrões de experimentação identificáveis nos registros processuais, a transformação de ideias embrionárias em soluções pictóricas finais, e o papel específico da escrita no desenvolvimento do pensamento visual de Basquiat.



## **Vida e obra de Murray Schafer: trânsitos pela música e pelo desenho.**

Samuel de Oliveira Costa e A

lexandre Siqueira de Freitas

Neste resumo expandido, expomos a intenção de investigar a relação do compositor canadense Murray Schafer (1933-2021) com o desenho e como isso pode ter interferido na sua poética. Schafer elaborou uma forma singular de notação musical, integrando elementos visuais e desenhos que superam as convenções da escrita musical. Para ele, a notação musical não seria suficiente para abarcar as possibilidades e os estímulos necessários às suas obras, que superam fronteiras estéticas e desafiam classificações convencionais. Assim, por meio de uma investigação biográfica, buscamos compreender os contextos, especialmente aqueles nos quais Schafer acessou o campo das artes visuais, atividade que o acompanhou ao longo de sua vida.



## **ARQUIVOS DA COR - expressões cromáticas em ambiente de pesquisa.**

Déborah Sathler;

Inara Novaes; I

sabela Frade

Reunimos pesquisas envolvendo expressões cromáticas em três comunidades distintas: o clã de etnia calon no Norte do Espírito Santo, a etnia indígena Pataxó do Sul da Bahia, na aldeia Pará e a comunidade de artistas russos do início do séc XX no construtivismo nascente. A observância da relação com as cores nesses três âmbitos nos levaram a escolher esse tema para um diálogo comum, revelando ênfases significativas. Em conteúdo à observação participante na pesquisa Arte relacional nos acampamentos ciganos calons do Espírito Santo, se teceram observações em relação ao uso da cor enquanto expressão cromática do desejo feminino especialmente expandida na vestimenta, que é desdobrada para a barraca das mulheres calons, as calins. Por outro lado, na Aldeia Pará, no Sul da Bahia, investigamos na pesquisa Linha D'água: corpos, memórias e lugares as dimensões expressivas da cor amarela considerando os usos e simbologias do barro (tawá) na etnia indígena Pataxó, com ênfase nos rituais conduzidos pelas Mulheres que Curam em Aruanda. O branco entra em cena na pesquisa em linguagem escultórica na Série Vórtex e relaciona-se à alta modernidade de uma Rússia revolucionária na virada do século XX. O Suprematismo é a abordagem radical na qual a representação é abolida e a cor alcança seu potencial máximo: O branco, contendo em si o infinito, sua totalidade, derrocada da mimese na constituição de uma realidade propriamente pictórica, matéria sensível de uma revolução. Os contextos em perspectiva permitem relacionar padrões e comportamentos de cada âmbito. Concordamos que esses sujeitos imbricados com as manipulações da cor estão em estado de resistência e, subjugados, atuam simbolicamente para evocar sua liberdade e poder. A cor, em sua energia primária, serve às suas aspirações estético-políticas, ao seu poder criador e imaginante. Ela se torna matéria viva nos ritos, expressão de cosmogonias e projetos de transformação social.



## **DO ARQUIVO NACIONAL AO ARQUIVO VIVO: Villa-Lobos, Gandini e Caccuri em poéticas sonoras de memória e criação.**

Jovani Dala Bernardina;  
Daniel Enache;  
Alexandre Freitas

Propomos uma aproximação entre temporalidades da cultura brasileira: Heitor Villa-Lobos e a constituição da identidade brasileira e obras contemporâneas de Marcelo Gandini e Vivian Caccuri. Partimos da hipótese de que o som da música de Villa-Lobos pode ser compreendido como arquivo nacional-modernista enquanto o som, como integrante de obras multimodais, seria arquivo vivo-decolonial, capaz de ativar memórias e tensionamentos sociais. No eixo histórico-crítico, observamos Villa-Lobos, como compositor e propagador de repertórios nacionais, atuante nos mais diversos contextos. No eixo contemporâneo, nos voltamos a grande PEQUENA catraia, de Gandini, produzida para 8ª. Bienal do Mar (Vitória, 2009) e Tabom Bass, de Caccuri, para a 32ª. Bienal de São Paulo (2016). A primeira reinscreve apito de navios em uma catraia, pequena embarcação, evocando a memória portuária da baía de Vitória e tensões entre práticas populares e enquadramentos institucionais. A segunda mobiliza sons graves do Brasil e de Gana, reativando memórias afro-atlânticas e transpondo práticas do sound system, típicas reuniões de MCs e DJs. Ao colocar em perspectiva Villa-Lobos, Gandini e Caccuri, evidenciamos continuidades/deslocamentos: do som como projeto de Estado e arquivo nacional ao som como fissura decolonial e arquivo vivo em disputa. Pretende-se refletir sobre o papel da escuta, como resistência, memória, prática criativa capaz de avivar memórias e instaurar novas formas de habitar tempo e espaço.



## **PALAVRA, IMAGEM E CINEMA: uma leitura das traduções interartes de “O Cortiço”**

*Leonardo Borges Lelé  
Stela Maris Sanmartin*

O artigo analisa o romance "O Cortiço" (1890), de Aluísio Azevedo, obra central do Naturalismo brasileiro, como campo fértil para práticas de tradução interartes. Parte-se da análise da linguagem verbal do romance, que, ao construir imagens plásticas e multissensoriais, ultrapassa o âmbito literário, abrindo-se ao diálogo com outras linguagens artísticas. Dessa forma, apresenta-se como objetivo observar de que maneira esse potencial estético se manifesta no trânsito entre literatura e outras linguagens artísticas, com foco na cena final da personagem Bertoleza. Para tanto, são considerados três recortes: o texto literário, a adaptação em quadrinhos de Ivan Jaf e Rodrigo Rosa (2013) e a versão cinematográfica de Francisco Ramalho Jr. (1978). A partir de autores como Moisés (2001), Franchetti (2011), Plaza (2003) e Souriau (1983), que discutem a obra literária e a tradução intersemiótica como recriação de sentidos em diferentes sistemas de signos, a análise evidencia que cada suporte mobiliza recursos específicos na construção de perspectivas próprias que iluminam a dimensão coletiva, crítica e simbólica da narrativa de Azevedo.



## **Um desenho interminável.**

Lincoln Guimarães Dias

O presente relato é recorte da pesquisa de pós-doutoramento que ora realizo no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES. Ela produz simultaneamente uma obra poética e uma reflexão a seu respeito. A primeira centra-se numa prática de escrita manual em cadernos sem pauta, feita nos interstícios das atividades diárias, sem hesitação e sem elaboração. A segunda trata das especificidades desta escrita como arte. A escrita tenta captar estados ambientais e mentais do instante em que é feita, buscando aderir, tanto quanto possível, ao momento presente. O texto resultante é uma colagem de notas descontínuas, que se agregam ao longo das sessões de escrita. A princípio, interessei-me pela configuração espacial das páginas e pelas qualidades plásticas dos sinais gráficos. Posteriormente agreguei o interesse pelo sentido e pela qualidade do texto como enunciado verbal. O recorte que ora proponho aborda o referido trabalho de escrita manual, entendido como um desenho expandido, formado pela linha que compõe as palavras e pelo alinhamento que encadeia as frases. Enfoca particularmente a continuidade indefinida do desenho e a imersão do seu processo de feitura na vivência ordinária dos dias. Como referencial teórico, para lidar com a captura perceptiva imediata dos dados do instante, valho-me de Merleau-Ponty, particularmente da obra *Fenomenologia da percepção* (São Paulo: Martins Fontes, 1999) e dos textos reunidos em *O olho e o espírito* (São Paulo: Cosacnaify, 2004) e em *A prosa do mundo* (São Paulo: Cosacnaify, 2002). Para lidar com a produção de sentido estésico de um texto que mesmo passível de ser lido é prioritariamente para ser visto, recorro à sociossemiótica de Eric Landowski, particularmente os textos "O semiótico e seu duplo" (in A. C. de Oliveira e E. Landowski - eds. - *Do inteligível ao sensível*, São Paulo: Educ, 1995) e *Modos de presença do visível* (in A. C. de Oliveira - org. *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker, 2004).



## EXPURGO

*Isabela Nascimento Frade;  
Rosana Paste.  
Stela Maris Sanmartin*

O happening EXPURGO, uma catártica experiência coletiva de artistas professores na Galeria de Arte e Pesquisa da Ufes, realizou-se em agosto deste ano de 2025, junto ao XVI Seminário Capixaba sobre o Ensino de Arte, com curadoria das professoras do Departamento de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo Isabela Frade, Rosana Paste e Stela Maris Sanmartin. As curadoras percorrem sobre as ocorrências durante o evento, com leituras e análises de cada uma das 10 obras apresentadas. A manifestação coletiva EXPURGO foi apresentada como uma oportunidade de livre expressão poética tendo em vista o sentido corrente do termo: “Ação de expurgar, de limpar, de retirar as impurezas, a sujeira; expurgação”. Em termos gerais, trata-se do ato de expulsar ou eliminar algo que seja ruim e se desfazer de um problema ou de colocar para fora um objeto ou até uma pessoa, referência a um processo de remoção ou eliminação de algo indesejado, com conotações negativas, expressão a convocar exteriorização liberadora, colocando em discussão os condicionantes bloqueadores da práxis criativa dos docentes. A arte pulsa, o artista revela. Os registros de Expurgo ressoam vibrando como gestos de autonomia pessoal e coletiva que animam a manter-nos em resistência, a empoderar nosso discurso crítico assim como expandir o poder da experiência poética desses artistas professores em seus percursos disruptivos. Em um cenário de desmonte da educação e da mercantilização da arte, de inteligência maquínica e artificial, de cerceamento de discursos e opressões aos modos de ser e existir, é imprescindível a participação ativa de arte educadores enquanto artistas comprometidos com a mudança e melhoria das condições de vida e trabalho, percebendo suas fragilidades, assim como cuidar de seus limites físicos e psicológicos, mantendo-se distantes da exaustão e do desencanto, tão presentes nas classes trabalhadoras em nosso país.



## **Processo criativo e formatividade: reflexões sobre a obra de Guinga.**

João Victor Castro Chequetto

Fabiano Araújo Costa

Guinga (Carlos Althier de Souza Lemos Escobar, 1950-) é um compositor e violonista cuja prática se caracteriza por uma linguagem musical sofisticada e por uma relação visceral com o violão. Assim como outros artistas da música popular, suas composições emergem a partir de um conhecimento empírico construído pela escuta, pela prática e pela interação constante com o instrumento. Em entrevista a Chico Saraiva (2013), o artista revela a centralidade do violão em seu processo, tanto como inspiração para a canção, quanto como extensão de sua própria voz, evidenciando que sua poética emerge da tensão entre corpo, instrumento e invenção musical. Propomos uma análise entre essa prática singular de Guinga e a teoria da formatividade de Luigi Pareyson (1993), em especial a noção de “tentativa e êxito”, ponto-chave para compreender a dinâmica criativa do músico, sua obra se forma no próprio processo de experimentação, em diálogo com as resistências e possibilidades oferecidas pelo violão. Nesse sentido, aproximamos também essa prática da Teoria das Músicas Audiotáteis (Caporaletti, 2018), considerando o violão tanto como “matéria”, manipulada na busca da forma, quanto como “mídia”, responsável pela ativação do Princípio Audiotátil (PAT), na ideia de instrumento como extensão do próprio corpo (Cirino, 2005). O futuro ensaio/artigo pretende fazer uma aproximação entre a estética pareysoniana e a poética musical de Guinga, evidenciando assim a dimensão processual e experimental de sua obra. Destacando o violão como mediador essencial da criação, na singularidade de um fazer artístico que se alimenta dessa interação entre voz, instrumento e intuição, contribuindo para pensar novas articulações entre filosofia, musicologia e canção brasileira.



## **Entre poema, canção e gesto: a transcrição de Mortal Loucura em performance de Mônica Salmaso.**

Andressa Zoi Nathanailidiis  
Fabricio do Rosário

A presente comunicação tem como escopo realizar uma análise- crítica da performance de Mortal Loucura, canção de autoria de José Miguel Wisnik, a partir do poema homônimo de Gregório de Matos, executada pela cantora Mônica Salmaso- e músicos convidados- e disponível na plataforma You Tube. A observação da performance, imbuída da corporeidade da voz cantada e do gesto, além de aspectos multimidiáticos e da execução pianística inscreve novas possibilidades de ocorrência da recepção, que atravessam as dimensões da partitura musical. Nesse sentido, a fim de viabilizar a presente proposta, recorre-se a eixos teóricos complementares: 1) o pensamento sobre oralidade e performance, de autoria de Paul Zumthor (2003), que põe em relevo os significados transmitidos pelas manifestações da oralidade; a perspectiva intermediática, delineada por Claus Clüver, Irina Rajewsky, Lars Ellestrom, dentre outros, que possibilita compreender a transcrição do poema barroco para sua realização musical, configurando uma tradução intersemiótica; e 3) a teoria audiotátil, proposição de Caporaletti (2005), que possibilita a compreensão da experiência pontual da performance musical como vivência corporificada, vinculada ao pulso, oralidade e ritmo. Percebe-se, na análise crítica do vídeo em questão, que a interpretação de Salmaso destaca atos criativos diferenciados, em relação à partitura: notam-se, nesse sentido, variações rítmicas, pausas estendidas e ornamentações que, por exemplo, consolidam a potência audiotátil da obra. A performance recria, portanto, o poema e a partitura, expandindo as enunciações criativas primárias, e instaurando uma transcrição que exige ao ouvinte uma escuta sensível, além da percepção do entrelaçar de letra, música, corpo e sentidos. Acredita-se que a presente investigação soma aos debates contemporâneos acerca da intermedialidade e da performance, à medida que propõe, também, a audiotatibilidade como ferramenta explicativa e fundamental à compreensão das práticas musicais que versam acerca das interseções entre a tradição literária, o erudito, o popular; além da atitude criativa e singular de cada artista.



## **PERFORMATIVIDADE, Corpo e memória.**

Rosana Lucia Paste

Nos anos de 1974 a 1979, aconteceu em Vitória um “furdunço” artístico numa casa situada na Ilha dos Veados, no bairro Porto de Santana, em Cariacica (ES). Os artistas que moravam nessa casa, e principais nomes envolvidos nesse movimento, foram um professor e um funcionário do Centro de Artes da Ufes, a saber: Paulo Cesar Henriques Jeveaux (12/10/1944 – 06/08/2023) e Coracy Coelho Leal (?/?/1931 – 13/04/1979). Além dos citados, o espaço foi frequentado por artistas, decoradores, escritores, poetas, atores, estudantes da Ufes, cabelereiros, cineastas, jornalistas, amigos, que o tomavam como espaço de experimentações e lazer. O legado deixado por essas pessoas para o movimento das artes plásticas foi fundamental para criar outros sentidos, outros fazeres e saberes no campo ampliado das artes plásticas: o território como propulsor na criação artística e relações do corpo e das corporeidades.



## **A medida de todas as coisas.**

Stela Maris Sanmartin  
Luciano Tasso Filho

Este trabalho tem por objetivo relatar o processo poético criativo que deu origem à série de obras idealizadas a partir do excerto “A medida de todas as coisas”, atribuída ao filósofo grego Protágoras (séc. V a.C.). Em seu tempo, este herdeiro de Heráclito, afirmou: “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são”. Mas como isso pode compreendido nos tempos modernos? A frase instigou os artistas a revisitarem questões histórico-filosóficas, particularmente no campo da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1999), para trazer o homem – ou aquilo que se considera humano – ao centro das discussões. Por outro lado, se as coisas com as quais interagimos, o objeto olhado, e tudo aquilo que não apenas é visto, também nos afeta, nos interpela e nos devolve um olhar que nos convida a uma experiência profunda e instável, como afirma Didi-Huberman (2010), o que nos resta diante de uma vida pautada pelo impalpável, pelo virtual... pelo não-objeto? Trata-se, portanto, de uma elaboração artística conceitual insurgente ao fascínio provocado pela Inteligência Artificial, no qual procura-se analisar as consequências que o hiperestímulo tecnológico provoca na construção do sujeito, nas relações sociais e no campo das Artes. O trabalho, idealizado por Luciano Tasso, Stela Maris Sanmartin e Ana Rita Lustosa, será dividido em três etapas: 1 - conceituação teórica do processo poético criativo, 2 - memorial descritivo das obras e 3 - elaboração de peças visuais ambientadas em galeria por meio da ferramenta de IA generativa ChatGPT-5.



## **Polifuncionalidad del dibujo y actualidad de los procesos hápticos.**

Mónica Elisa Contreras Godínez

En este trabajo proponemos que las técnicas y las herramientas propias de la ejecución del dibujo conservan su valor como generadores de sentido, ya que cada material significa, tanto por su origen, como por su devenir histórico y material, a su vez que es vital conservar la importancia del fenómeno de la observación directa. A su vez nos interesa plantear que la búsqueda de conceptos artísticos y la socialización de los mismos deben ir ligados al uso de la tecnología, no como un sustituto de la experiencia física que es el sino de la materia que nos ocupa, sino como una interacción que genere atracción por la materia y por la imagen, la experiencia de las nuevas generaciones que necesitan conocer la historia del devenir dibujístico debe ser enfocada desde otros puntos de vista. Nos centraremos en la polifuncionalidad del dibujo (Acha, 1999, p. 13), que nos da cuenta de que la integración de lo temático, lo estético y lo artístico ha avanzado hasta nuevos límites en nuestra práctica, respondiendo a las necesidades históricas de forma versátil, pero ampliaremos la visión hasta nuestros días tratando de dilucidar qué caminos son posibles ante las nuevas tecnologías como la IA.



## **Gravura contemporânea: singularidade e multiplicidade como meios de transmutação.**

Helena Freitas Saretta

A gravura, historicamente, consolidou-se como um processo técnico que possibilitou a reprodução de imagens em larga escala, alcançando grande destaque no início do século XX, especialmente com artistas que exploraram sua potência como meio expressivo e comunicativo. Reconhecida como prática artística legítima, a gravura permanece atravessada por debates em torno da reprodutibilidade e do valor da originalidade, questões discutidas de maneira seminal por Walter Benjamin em A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Minha pesquisa atravessa o campo da reprodutibilidade, pensando o processo gráfico como um método contínuo, a partir do que denomino “método da exaustão”, compreendendo a gravura como um processo de constante transformação, seja na reprodução de suas técnicas historicamente conhecidas ou métodos contemporâneos, como também na intervenção e hibridização de matrizes e cópias tencionando o questionamento quanto o que seria a cópia e o que seria o original. A exaustão, nesse sentido, não se restringe ao desgaste físico da matriz ou à repetição mecânica, mas se configura como abertura para o inesperado a partir dessa alta possibilidade reprodutiva, tanto pelo processo de produção da matriz em que suas marcações abrem espaço para atravessar o desconhecido, quanto no momento de tiragem, designado como o “fim” da operação, em que se há um processo metamórfico que, paradoxalmente, pode tornar-se o ponto de partida para um novo começo. O problema que orienta a pesquisa está em compreender a determinação entre cópia e original, refletindo sobre a tensão entre a singularidade e a multiplicidade que atravessa a gravura, e como o método aplicado poderia transmutar esta prática. Nesse contexto, a residência constituiu-se como espaço fértil para aprofundar essa questão por meio da contaminação e entrecruzamentos de ideias com outros artistas, intensificando o processo investigativo além da prática e teoria para um lugar também de pensamento.



## **A mão e o feed: poéticas do gesto e disputas de visibilidade artística.**

Iasmim Dala Bernardina Rodrigues  
Natacha de Souza

As mãos guardam a linguagem antes do código: cada gesto é memória, afeto e inscrição sensível no mundo. No campo artístico, o gesto manual constitui-se como arquivo vivo, onde experiências coletivas, modos de cuidado e formas de resistência se condensam frente às lógicas da automação e da previsibilidade algorítmica. Ao mesmo tempo, a circulação dessas práticas criativas se vê mediada por curadorias digitais operadas por algoritmos, que hierarquizam conteúdos segundo métricas de engajamento e visibilidade de mercado. Essa dupla perspectiva, o gesto como poética de resistência e a curadoria algorítmica como política cultural, permite problematizar como os processos de criação artística hoje são atravessados por tensões entre sensibilidade e dados, singularidade e padronização, presença e automatização. A partir de autores como Flusser (1999), Rancière (2005), Zuboff (2019) e Benjamin (2019), propomos refletir sobre como os gestos artísticos desprogramam o visível, instaurando espaços de indeterminação e pertencimento, ao mesmo tempo em que disputam visibilidade em ecossistemas mediados pela inteligência artificial.



## **Louças se partirão: narrativas de impermanência entre esculturas e performance.**

Ana Carolina Peixoto Eick

Apresentarei neste texto um recorte de minha pesquisa de doutorado, que investiga as relações entre escultura e performance no campo das artes visuais. Abordarei práticas artísticas em que esculturas se encontram em processo de transformação devido a ações externas sobre elas. Construo corpos que se relacionam com meu próprio corpo e evidenciam um estado de impermanência. Essa associação entre linguagens nasce da consciência da presença corporal que desenvolvi como atriz e se expande para a percepção das esculturas que, ao ocuparem o espaço tridimensional junto aos nossos corpos, acionam uma dimensão de presença intensificada pelo movimento. Para pensar o movimento na escultura, me baseio em Rosalind Krauss e suas reflexões sobre a escultura moderna; e para compreender as reações corporais às ações externas, recorro aos conceitos de afeto em Espinosa retomados por Deleuze. Para pensar o estado de presença, utilizo como referência Hans Ulrich Gumbrecht, que o descreve como experiência sensorial que se opõe à análise lógica, e ao artista Robert Morris, que o relaciona ao “tempo presente da experiência espacial imediata” (FERREIRA; COTRIM, p.402 2006). Clarice Lispector também é uma referência, que em *Água Viva* materializa o estado de presença através da palavra. Esses conceitos se concretizam em trabalhos realizados ao vivo e em videoperformances, entre eles, destaco a ação com um coelho de chocolate que derrete durante a performance e *Louças se Partirão*, apresentada tanto ao vivo quanto em vídeo. Nessas propostas, o corpo ora constrói, ora destrói, ou se afasta, permitindo que forças externas interfiram na forma escultórica.



## **Projetos de investigação-criação na universidade: o caso de duas formações superiores em Processos de Criação (PUC-SP e UAlg).**

Patrícia Dourado

Por que uma formação em Processos de Criação? Qual seu escopo de atuação e quais suas contribuições para o contexto educacional e de investigação? Desde os anos 1990, o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, coordenado pela Profa. Cecilia Salles, estuda os processos de criação e vem construindo uma teoria geral da criação, com a colaboração de investigadores e criadores de diferentes áreas, especialmente das artes, da literatura e da comunicação, mas não apenas. Ao longo de sua trajetória, o Grupo experimentou algumas expansões. Entre as mais recentes estão a criação de duas formações superiores em Processos de Criação: a primeira em Portugal, na Universidade do Algarve (2022), e a segunda no Brasil, na própria PUC-SP (2025). Os primeiros alunos já começaram a defender seus projetos – a maioria deles projetos de investigação-criação – e outros mais estão em curso. Os projetos desenvolvidos nas duas instituições, que contam ambas com professores e orientadores do Brasil e de Portugal, têm contribuído diretamente para algumas reflexões que gostaríamos de comentar, com base em experiências de docência e de orientação vividas em ambas as formações. Essas experiências têm trazido importantes reflexões que buscaremos aprofundar a partir de alguns exemplos de projetos que acompanhamos nesses últimos anos. Entre essas reflexões estão especialmente: a importância de uma teoria geral da criação (Salles, 2006; 2011) para apoiar o desenvolvimento de metodologias de projetos de investigação-criação no espaço da universidade; e quais as contribuições que uma formação superior em Processos de Criação pode ter para aqueles que a desenvolvem, e, consequentemente, para a própria teoria que a sustenta – viva e em permanente expansão.



## **De estátuas coloniais derrubadas à poética da criação: Impulsos para a escrita de Morenga (1978) de Uwe Timm.**

Denise Rocha

A elaboração artística do romance *Morenga*, de Uwe Timm (1940), publicado em 1978, que evoca a época da África Alemã do Sudoeste (1884-1919), atual Namíbia, teve origem na derrubada, por estudantes universitários, de duas estátuas referentes ao passado colonial germânico na África. - a de Hermann von Wissmann (1853-1905), Major e governador da África Alemã do Leste (1895-1896), situada no oceano Índico; e a de Hans Dominik (1870-1910), Capitão da Tropa de Proteção e Comandante da Estação Militar de Jaunde, em Camarões, no Atlântico. A atitude inédita de mutilação de estátuas de pessoas históricas alertou a sociedade da Alemanha sobre uma faceta da história pouco conhecida: a época dos Protetorados, de contratos firmados entre chefes nativos alfabetizados e alemães (comerciantes, fazendeiros e agentes públicos), na África (Togo, Camarões e África Alemã do Sudoeste) e na Ásia (Baía de Jiaozhou (China), e a Nova Guiné Alemã (Arquipélago Bismarck e as ilhas Salomão do Norte, Carolinas e Marianas)). O evento universitário, acima mencionado, ocorreu na noite de 31 de outubro para 1 de novembro de 1968, na frente do prédio da Universidade de Hamburgo, onde as imagens plásticas estavam dispostas, e que foram, posteriormente, realocadas em museus alemães. Tal ato de resistência cívica questionou o legado controverso de estátuas, que homenageavam pessoas ligadas ao colonialismo e à violência, e provocou um amplo debate sobre práticas de celebrações oficiais. Ecos do episódio de questionamento e de resignificação da memória coletiva alemã chegaram até Uwe Timm, natural de Hamburgo, e estudante de Filosofia e de Germanística na Universidade Ludwig Maximilian, em Munique. Timm começou a pesquisar sobre um dos Protetorados germânicos africanos, denominado de África Alemã do Sudoeste que ficava localizado no sul da África atlântica entre o rio Kunene (norte), fronteira com Angola, colônia lusa, e o rio Orange (sul), delimitação com Kapland, colônia inglesa. No ano de 1976, Uwe Timm viajou até a Namíbia para encontrar resquícios, físicos e subjetivos, da presença alemã - prédios militares, escolas, igrejas, residências, lojas, hospitais, estações de trens e linhas ferroviárias, pontes, portos, cais, estátuas, praças etc. A intenção era fazer uma imersão na antiga colônia alemã, e seguir com suas pesquisas em bibliotecas, acervos e arquivos na Namíbia e na Alemanha, à busca de mapas, documentos e fotografias, a fim de escrever um romance a respeito da época da África Alemã do Sudoeste, o qual descreve a chegada dos missionários, anglicanos e luteranos, a dos comerciantes e a dos alemães, civis e militares. O objetivo principal do estudo, “De estátuas coloniais derrubadas à poética da



criação: Impulsos para a escrita de Morenga (1978) de Uwe Timm”, é apresentar a postura investigativa do jornalista e escritor alemão Uwe Timm (1940), e a sua poética de criação do romance pós-colonial, uma narrativa de montagem, que está repleta de intertextualidades explícitas e implícitas (documentos completos ou excertos, trechos de livros sobre a História específica, e indicações concretas sobre algumas fotografias etc.). A análise, que tem dimensões históricas, políticas, ideológicas e estéticas, será baseada nos conceitos do ‘escritor engajado’ (Jean- Paul Sartre), da ‘imagem’ (Peter Burke) e da ‘metaficção historiográfica’ (Linda Hutcheon).



## **CONTRAPOSTO: considerações sobre escultura, tortuosidade e equilíbrio**

Carlos Eduardo Ferreira Paula

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões e considerações acerca da exposição Contraposto, realizada pelo autor na Galeria de Arte da PROEX, vinculada à Universidade Estadual de Ponta Grossa, no ano de 2023. Busca-se estabelecer um campo de problematização poética em torno dos processos de criação e da elaboração da mostra, composta por esculturas em madeira, uma instalação e obras sobre papel produzidas no período entre 2020 e 2023. Para tanto, adota-se a noção de “procedimento”, a partir de Raymond Roussel, compreendida como uma estratégia inventiva de caráter literário e como método de criação que exerceu influência sobre movimentos de vanguarda, tais como o Surrealismo e o Dadaísmo, além de se manifestar de modo decisivo na obra de Marcel Duchamp. Ao longo do texto, procura-se articular essa noção de procedimento ao processo criativo em escultura, no qual se delineia um *modus operandi* que pode emergir tanto de ideias previamente concebidas quanto das propriedades intrínsecas dos materiais, configurando-se como condição necessária para a efetivação dos trabalhos. Como resultado, a exposição possibilitou a visualização de uma pesquisa intensa desenvolvida ao longo de anos de ateliê, configurando uma proposta de mostra/instalação na qual o organismo escultórico instaurado na galeria evidencia e potencializa aspectos fundamentais da escultura: como volume, verticalidade e equilíbrio.



## **Criatividade, Complexidade e Interartes: caminhos para o ensino de Arte na educação do futuro.**

Eloiza Comério  
Alexandre Siqueira de Freitas

O desafio da educação contemporânea está em formar sujeitos capazes de lidar com a complexidade, a incerteza e a diversidade cultural. Nesse cenário, a criatividade assume o papel central, especialmente quando articulado com o ensino de Arte. Sobrinho et al. (2024, p.212), destacam que “a dimensão educativa da arte está presente no fazer, no pensar, no fruir e criticar, que implicam ações criativas”. O ensino da arte tem um importante papel na formação do ser humano: propor inovações a serem compreendidas como espaço de invenção, diálogo e construção de sentidos compartilhados. Morin (2007) em Os sete saberes necessários à educação do futuro, fornece aportes fundamentais para pensar essa relação. Ao valorizar as linguagens simbólicas e poéticas, o ensino da arte contribui para a formação humana, em Criativamente, a arte educa, Sobrinho et al. (2024, p.205), articulam os conceitos da criatividade, Arte e educação, que podem modificar os processos de ensino. Nesse horizonte, a Arte assume o papel essencial, de elevar a criatividade como um processo coletivo e relacional capaz de ampliar sensibilidades e reinventar modos de estar no mundo. Freitas (2024), apresenta uma didática interartes, em que o potencial fecundo das modalidades artísticas, geram aprendizagem estética, crítica e poética, elevando a criatividade e despertando saberes humanos. A articulação entre os aportes: os saberes de Morin (2007), a criatividade no ensino da arte de Sobrinho et al. (2024), e a interartes de Freitas (2024), possibilitam a travessia de uma educação em arte, que não apenas ressignifica o presente, mas prepara sujeitos criativos e sensíveis capazes de construir futuros possíveis. Investir em práticas artísticas que valorizem a invenção, a experimentação e o diálogo entre linguagens, possibilita a formação de sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com a transformação do mundo.



## **A identidade poética garoto-cacto e a experiência da dor.**

Sandro Bottene

Este artigo apresenta a identidade poética Garoto-cacto como uma (id)entidade mitologizada e híbrida — meio humana, meio vegetal —, que surgiu durante um momento sensível no cenário da arte contemporânea: a dor provocada pela pandemia. No contexto do isolamento social, a proximidade cotidiana do ofício pessoal de cultivador de cactos devolveu ao (m)eu corpo uma nova percepção íntima e subjetiva. A pesquisa parte da questão central: Como materializar a experiência da dor por meio de ações corporais em uma dimensão poética e subjetiva? Problematicar a experiência da dor em seu contexto biopsicossocial — isto é, considerando as dimensões biológica, psicológica e social do indivíduo — e criar obras capazes de expressar essa sensação invisível e corpórea constitui-se como o objetivo geral. Nesse sentido, o processo poético do eu-obra utiliza aréolas de espinhos artificialmente pigmentados, retiradas da espécie de cacto *Cylindropuntia tunicata*. Esses espinhos, também denominados agulhões, são amarrados ao próprio corpo, manifestando simultaneamente a visualidade e a sensorialidade da estética da dor na performatividade corporal. O contato direto com a pele gera experiências sensitivas e emocionais, estabelecendo uma conexão entre dor e subjetividade. A fundamentação teórica baseia-se nas proposições de Jean Lacri (2002) acerca da metodologia nas artes visuais e nas considerações de Judith Butler (2018) sobre a teoria performatividade da identidade. A investigação também dialoga com a linguagem fotográfica, compreendida como imagem sensível no processo de instauração poética. Assim, a relação entre corpo e identidade na arte consolida-se como um estudo potente em poéticas visuais, ressignificando a experiência da dor no processo criativo.



## **Entre mangue, pele e paisagem: notas sobre a instalação "Nunca deixou de ser raízes".**

João Victor Coser

“Nunca deixou de ser raízes” é uma instalação que articula corpo, memória e território a partir da evocação do mangue de Cocal, em Vila Velha, lugar de infância e pertencimento que, ao longo do tempo, foi sendo apagado pelo processo de urbanização. A obra é composta por cinco redes artesanais confeccionadas pelo próprio artista em lã vermelha, sustentadas por troncos de madeira e dispostas em círculo sobre terra vermelha. Essa configuração remete à ciranda e às danças circulares, em que o movimento coletivo cria laços de pertencimento e continuidade. O trabalho parte do conceito das “cinco peles” de Hundertwasser, situando-se como uma quinta pele — a pele do planeta, da natureza. Trata-se de uma camada que envolve a todos e que exige, no presente, ser ressignificada diante das urgências ambientais e sociais. A obra propõe um espaço de suspensão poética no qual o público é convidado não pela ação direta, mas pela experiência da presença, do olhar e da escuta. A instalação incorpora uma linha de LED verde embutida na estrutura circular, tensionando o diálogo entre o mundo virtual e o natural, como se fosse um sinal que pulsa entre o orgânico e o tecnológico. A referência a Ailton Krenak atravessa esse gesto: ao lembrar que no futuro talvez restem apenas pequenos oásis para conhecer o que é natureza, a obra propõe-se como um desses espaços simbólicos de resistência e memória. Apresentada no contexto da exposição Baía de Vitória: Outras margens possíveis (abertura 23 de outubro), a instalação coloca em cena a carne vermelha da lã, a pele-terra do mangue e a energia da luz como camadas de uma arqueologia poética. “Nunca deixou de ser raízes” se inscreve como um território de lembrança e especulação, onde corpo, natureza e futuro se entrelaçam em uma mesma trama sensível.



## **A literatura como instrumento de valorização da identidade negra nas escolas**

Tatiani Ramos Piana

Este artigo considera a literatura como um instrumento para afirmar a identidade negra no ambiente escolar. Baseando-se particularmente em Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga e Conceição Evaristo, reflete sobre as maneiras pelas quais as obras literárias de escritores negros podem contribuir para a organização de uma educação antirracista e para o florescimento da autoestima e da identidade cultural dos estudantes negros. O artigo faz parte de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica que reflete sobre práticas pedagógicas, desafios e possibilidades da Lei 10.639/03. A tese é que a literatura é um recurso com grande potencial para abordar o racismo estrutural que serve de base para a promoção da diversidade étnico-racial na escola.



## **A criatividade em Heitor dos Prazeres.**

Geraldo Henrique Tadeu Santos Teixeira  
Alexandre Siqueira de Freitas

Heitor dos Prazeres foi um compositor e pintor carioca, e suas obras ganharam grande notoriedade, tanto nas Artes Visuais quanto na Música. Cita-se aqui exposições de suas obras pictóricas em locais de grande prestígio, como Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), diversas bienais, em museus pelo Brasil e pelo mundo. No campo musical o artista tem grande importância, além de suas composições, também pela participação na criação de escolas de samba carioca (BITTERCOURT, 2022, p. 305). Corroborando com tais fatos – inferidos por meio de pesquisa bibliográfica – busca-se demonstrar a partir das obras de Heitor dos Prazeres, a relevância da criação do artista para todo um contexto. Traçando um paralelo com o modelo dos quatro Cs, proposto por Kaufman e Beghetto (2009). Em síntese, essa teoria traz quatro níveis, de forma gradativa, relacionados à criatividade ligados ao ato criativo de um ser (mini-C; little-C; Pro-C e Big-C). Dessa maneira, pode-se dizer que o carioca desenvolveu a sua criatividade durante a sua vida. Baseando-se em Guilford (1958), discorrerá acerca do desenvolvimento dessa criatividade, principalmente pelo contato com o meio em que vivia, pelo fato de serem manifestações de tradições orais (Arte Naif e Samba). Neste trabalho, ainda em andamento, pretende-se discorrer sobre os trânsitos e processos criativos de Heitor dos Prazeres, e o desenvolvimento da criatividade no artista. Desta maneira, intenciona-se em contribuir para uma maior atenção ao trabalho do artista, estimulando futuras observações e pesquisa acerca desse artista, que, por suas obras e contribuições, merece um olhar mais aguçado.



## **Análise poética do processo de criação da máscara de cabelo.**

Samylla Oliveira Mendes

O artigo apresenta uma análise do processo de criação do trabalho autoral que constitui o tema da minha pesquisa de mestrado, sob a perspectiva da Poética fundamentada em Luigi Pareyson e Paul Valéry. A investigação evidencia como esses referenciais teóricos contribuíram para a compreensão do meu modo de criação ao revelar o seu próprio percurso de realização até o resultado plástico, expresso em imagens fotográficas do ato performático das "Máscaras de Cabelo". O texto é dividido em dois tópicos distintos que discutem os conceitos de “forma” e “formação” na abordagem de duas séries dessa foto-performance, intituladas "Máscara#1" e "Máscara#2", em diálogo com conceitos de desfiguração, abjeto e beleza. No primeiro tópico explora-se as noções de abjeto segundo Julia Kristeva (1892) e de desfiguração segundo Georges Bataille e Eliane Robert Moraes (2002) para abordar a Máscara#1, enquanto no tópico seguinte o conceito de beleza é relacionado à condição escultórica do cabelo segundo Heather Hanna (2012), ao analisar a série Máscara#2. A análise demonstra que cada obra de arte instaura seus próprios modos de realização, a partir da observação e discussão dos procedimentos que diferenciam um conjunto do outro dentro do mesmo trabalho em performance, demonstrando a sua versatilidade e enfatizando a pertinência do estudo poético de cada processo de criação. Assim, a pesquisa pretende promover a evolução desses modos de fazer artístico, abordando a discussão poética em novas propostas de imagens, que serão frutos do exercício da performance com as Máscaras de cabelo.



## **Mudando Estruturas: O Modernismo Altera o Papel das Urdiduras na Tapeçaria.**

Beatriz de Carvalho Fortes

Tradicionalmente, a urdidura de uma tapeçaria é apenas um suporte para a trama, responsável pelas delicadas imagens tecidas. Com o crescente reconhecimento das técnicas têxteis como arte e da inovação técnica de artistas franceses e poloneses nas décadas de 1950 e 1960, a urdidura começa a adquirir um novo papel, como exemplificado na obra da artista Sheila Hicks.



## **Entre a Arte e a Topografia: sentidos de uma aproximação ambivalente.**

André Magnago Alves

O presente texto investiga o processo pessoal de criação, envolvendo a elaboração e construção de matrizes para gravura. Tal processo dista das matrizes planares e busca desenvolver suas possibilidades tridimensionais (cilindros e cones). Para discussão, trago o termo “topografia” para construir pontes teóricas com o referido processo. Em sua acepção greco-latina, a topografia designa a análise e representação do relevo terrestre, conduzida no plano empírico, ou seja, a partir de observações do mundo físico. Definição suficiente para a aproximação entre objeto e termo, visto que as imagens geradas pelo processo posto em evidência contêm representações da paisagem específica do artista, ou seja, de sua cartografia afetiva. No entanto, o mesmo processo criativo imanta também a topografia em um sentido analógico oriundo da geometria. Nesta área da matemática, o termo acusa o estudo da topografia de sólidos geométricos ou a descrição de suas superfícies externas. Conhecimento utilizado para desenhar e entalhar as superfícies das matrizes cilíndricas e cônicas: medir e planificar em estudos sobre papel suas faces imprimíveis. Consideramos, ao final, que obras desta natureza podem conciliar as noções de topografia clássica (empírica/factual/ontológica) e de topografia geométrica (analógica/abstrata/conceitual). Tal uso ambivalente da topografia tem antecedentes na História da Arte, são exemplos: o “Mapa do Inferno” de Sandro Botticelli – ilustração da Divina Comédia de Dante Alighieri – e as colunas de Trajano e de Marco Aurélio.



## **Quando a arte é rito: percursos entre memória e ancestralidade.**

Dulcineia da Silva Fernandes

Stela Maris Sanmartin

A criação artística contemporânea demanda uma reflexão que ultrapasse os limites da técnica ou da estética formal, reconhecendo sua inseparabilidade do rito e da ancestralidade. Desde suas origens, a arte nasce do desejo humano de significar o mundo, conectar-se ao sagrado e perpetuar memórias coletivas. Nesse horizonte, as contribuições de Gilberto Freyre (2002), Ailton Krenak (2019) e Maura Baiocchi (2006) oferecem fundamentos essenciais para compreender como a ancestralidade pode nutrir práticas artísticas mais profundas e comunitárias. Para Freyre (2002), a cultura brasileira é atravessada por matrizes indígenas, africanas e europeias, cuja confluência se manifesta sobretudo nas expressões rituais, em festas, cantos e danças que preservam e transformam experiências coletivas. Na perspectiva de Krenak (2019) os horizontes entre a arte e rito não são apenas expressões humanas, mas gestos de pertencimento à Terra, formas de manter a vida pulsando e de projetar a memória ancestral como responsabilidade ética no presente. Baiocchi (2006), por sua vez, enfatiza o corpo como espaço privilegiado de manifestação da ancestralidade, onde, no rito-teatral, o performer atravessa estados de consciência e atualiza memórias coletivas e arquetípicas, transformando o gesto artístico em experiência de comunhão. O presente artigo pretende dialogar sobre de que maneira arte, rito e ancestralidade podem se entrecruzar para ressignificar a prática artística contemporânea, de modo a preservar sua dimensão simbólica, ética e social, evitando que seja reduzida a mero objeto estético ou mercadológico.



## **Museu no quintal: entre o espaço habitado e a invenção poética infantil.**

Ana Rita Lustosa,  
Stela Maris Sanmartin e Luciano Tasso

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o processo criativo evidenciado em um vídeo publicado nas redes sociais, no qual uma criança conduz uma visita guiada pelo museu de arte que ela mesma criou no quintal de casa. No percurso filmado pelos pais, a criança assume múltiplos papéis: museóloga, curadora, artista, guia, segurança e até assessora de comunicação. Nesse gesto, ela articula o lúdico e o artístico em uma prática que transborda o brincar comum: transforma o quintal em museu das suas próprias criações. Em termos sociológicos, pode-se compreender, com Pierre Bourdieu (2023), que o acesso à cultura desde a infância constitui um capital simbólico que impacta a formação do sujeito. A menina, estimulada por sua família, não apenas recebe referências, mas reinventa-as ao propor seu próprio sistema museológico. Do ponto de vista dos estudos da criatividade, Mihaly Csikszentmihalyi (2023) aponta que a criação emerge da articulação entre indivíduo, contexto e domínio, acontecendo em estado de fluxo. A experiência da criança exemplifica tal engajamento, pois ela organiza espaço, obras, papéis e narrativas em continuidade prazerosa. Em diálogo, João Francisco Duarte Júnior (2004) destaca a sensibilidade e a experiência estética como dimensões constitutivas do processo criativo, visíveis na maneira como a menina transforma o cotidiano em experiência inventiva, unindo imaginação, corpo e materialidade. Nesse sentido, as reflexões de Gaston Bachelard (1993) em 'A poética do espaço' enriquecem a análise da casa, como espaço simbólico e íntimo, como primeiro universo, lugar de memória e devaneio. O quintal convertido em museu revela essa potência, ao transformar-se em território poético e criador. Assim, a infância aparece não apenas como fase receptiva, mas como produtora de cultura e sentido, capaz de deslocar a noção de museu do campo institucional para o âmbito da invenção cotidiana.



## **Invólucros e Peles.**

Marcos Paulo Martins de Freitas

(in memoriam)

A pesquisa com os invólucros nasce da terra como pele e, ao mesmo tempo, como abrigo de futuro e resiliência. Frantz Fanon lembra-nos que “a pele negra é testemunho de um mundo cindido” (FANON, p. 91), e é nesse abismo da cisão, no seu oco silencioso e escuro, que penso a potencialidade dos invólucros como cicatrizes e resistências, ou ainda, como uma pele porosa que, mesmo marcada pela violência colonial, cria nas frestas a reinvenção diária de existir. Nesse sentido trago comigo as palavras de Conceição Evaristo, pois a partir dela, esses gestos de existências se afirmam em meu corpo e pele, mas também nas minhas ações que se fazem nas poéticas do barro como uma escrevivência, cuja terra torna-se corpo e testemunho (EVARISTO, p. 27) ao modelar a argila em gestos de ninhos, casulos e abrigos poéticos, cujas matérias escorrem e percorrem as narrativas que não apenas representam, mas especialmente encarnam-se nas lembranças coletivas e íntimas de meu corpo, ao buscar compreender minha subjetividade negra e minha ancestralidade, das travessias esquecidas nos porões da alma para transformação e materialização em poesia e potência (SOUZA, p. 21); em envoltórios de barro, de pão, de rapaduras, canaviais e arquiteturas, que obsessivamente refazem em mim os territórios de minha subjetivação, como cascas insurgentes contra o apagamento de meu corpo negro. E nesse sentido, ergo esculturas, jogo sementes na terra, navego com a alma em barcos de terra e reaprendo ser arquiteto com a natureza, fabulando um mundo de terra, anelada as tecnologias ancestrais e as ecologias poéticas que se enlaçam em abrigos críticos, coletivos e insubmissos. Como pensa Anna Tsing, ao acreditar nas possibilidades de coexistência (TSING, p. 152).



## **Nuvem na Galeria.**

Cláudia Maria França da Silva

A exposição coletiva “Nuvem na Galeria”, selecionada por edital, se realiza na Sala Celso Renato de Lima, Centro Cultural da UFMG, BH, entre outubro e novembro de 2025. Trata-se de uma curadoria desta proponente, envolvendo artistas pós-graduandos e egressos do PPGArtes da UFES: José Henrique Rodrigues, João Cóser, Francisco Aurélio Pereira, Karol Rodrigues, Luan Coelho, André Magnago, Iasmim Dalla e Marcelo Gandini. Os trabalhos expostos envolvem várias linguagens bi e tridimensionais, abarcando pequenas e grandes escalas. Esta é a primeira ação expositiva do Grupo NUVEM – Núcleo de Estudos em Visualidades e Materialidades em Arte Contemporânea, criado em 2024. Este grupo consiste em um ambiente de estudos e produção artístico/reflexiva acerca das dinâmicas que envolvem processos de criação em artes visuais. Estas dinâmicas envolvem temporalidades e espaços: como as produções relacionam-se ao tempo/espaço real e virtual, alterando nossas relações com o entorno. Nessa relação tempo-espaço, são privilegiadas as categorias híbridas como agentes interacionais entre obra-espectador. E ainda, como as dinâmicas se presentificam por meio das matérias plásticas, cores, texturas e imaterialidades, as quais potencializam nosso corpo sensorial, tanto no ato criativo quanto na relação espectador-obra. O termo nuvem não é gratuito: por mais que uma nuvem possa representar o peso na concentração de água e gases, ela levita e caminha pelo céu em um percurso dado pelo vento e pelo sol. Há vários formatos de nuvem, cada qual com o seu grau de condensação de água e gelo. A nuvem estaciona onde deve desaguar; no cotidiano de quem vive a olhar para cima, suas tonalidades incitam humores, sensações e afetos, pois, como metáforas, são pesos e massas em suspensão e em trânsito. Assim, NUVEM é tanto uma experimentação quanto um agregado humano que vê no estudo dos processos de criação possibilidades de deslocamento, incertezas, pesos e levezas. Também se percebem diálogos entre categorias artísticas distintas, em que cada ideia convoca a sua materialização no trânsito possível entre categorias, sem desfiar o fio que promove a continuidade das preocupações poéticas.



## **Cantor e compositor em affordances criativos.**

*Lucila Tragtenberg  
Livio Tragtenberg*

No artigo que apresentaremos são discutidos aspectos criativos relativos ao trabalho do compositor e aos processos de transcrição, referentes ao trabalho desenvolvido pelo cantor, pelo viés dos affordances e da mutualidade presentes na teoria da Percepção Ecológica de J. Gibson. São estabelecidos diálogos com recursos da Crítica de Processos de C. Salles, a saber, Tempo da Criação, Ato Comunicativo, Experimentação, Construção de Verdades Artísticas. O conceito de mestiçagem (Pinheiro) vem a promover reflexões acerca da qualidade do trânsito relacional entre cantor e compositor. As conexões destas instâncias relacionais são orientadas pela metodologia de Redes em C. Salles. Foi possível trazer luz ao espaço de criação na interpretação vocal (ainda alheio a outros que não os cantores) em interrelação com a realidade criativa do compositor, contribuindo para a bibliografia da área. Foram desveladas conexões das redes criativas no trabalho de transcrição do cantor e no de composição, tendo como base seus aspectos relacionais, concluindo por instâncias horizontais e de troca contínua.



## **Enredo: processos e poética.**

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

O presente trabalho traz reflexões, pesquisas, processos e a poética dos trabalhos que integram a exposição "Enredo", em cartaz na galeria "Angelina Messenberg", na cidade de Bauru, interior de São Paulo. Essa exposição traz o resultado de mais de 15 anos de pesquisa e produção artística. Nela, há uma história de relação com o próprio fazer, tendo no fio reações poéticas que são verdadeiras metáforas de percursos pessoais. São leituras desses percursos, durante os quais há o encontro consigo mesma, com o outro, com as situações da vida que nos ensinam sobre quem somos, onde estamos, com quem vivemos, de quem sentimos falta, o que permanece, quem nos sustenta. A complexidade da existência, na qual somos tecidos e convidados a tecer, em uma história contínua, divina e humana. Há obras delicadas, pequenas como "Brachiaria II", uma pequena escultura feita com ramos de braquiária, cuidadosamente costurada e também obras grandes como "Cartografia rendilhada", "Bereshit" e "Burnout", produzidas em Lordelo (Portugal), na Indústria Sampedro, durante residência artística na 4ª Contextile – Bienal Internacional de Arte Têxtil Contemporânea, uma das grandes mostras internacionais na área, que ocorre em Guimarães, Portugal. Como artista convidada para o evento, produzi duras obras que foram expostas na referida Bienal ("Bereshit" e "Burnout") e as peças que se encontram na exposição, constituem cópias das que se encontram no acervo da Contextile, cedidas gentilmente pela bienal e pela Sampedro para fazerem parte de meu acervo pessoal. "Cartografia rendilhada" também foi tecida nos teares digitais da empresa, como fruto das pesquisas na Sampedro. Boa parte das séries já teve pelo menos uma obra exposta, seja em mostras brasileiras com "De Fio a Fio: a herança têxtil brasileira de 22 a 22", quando estive entre os 25 artistas convidados para representar o Brasil em uma exposição no Museu de Arte Brasileira, na FAAP. A produção é composta por séries que já tivera, obras expostas na Romênia, França, Ucrânia, Portugal, Itália, Reino Unido, Espanha, México, Argentina, Chile e em diversos estados brasileiros. A mostra, que teve abertura no dia 15 de agosto, terá encerramento no dia 24 de outubro e vem recebendo visitas de escolas, tendo um grupo de discentes como monitores, tanto do Grupo de Pesquisas Poéticas em Artes Visuais - Arte Têxtil, quanto do curso de Artes Visuais da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista. Desde o início das obras até a realização da exposição, passando pelos espectadores e discentes, considera-se que o processo de absorção e fruição da obra ainda está em curso. As



considerações que constroem todo o texto aqui descrito passarão por todas as abordagens descritas anteriormente. Nas palavras de Cecília Salles, o continuum se expressa. E esse continuum se manifestou desde os primeiros esboços, integrando séries, pensamentos, como um fio a coser a própria vida. Dentro das reflexões a serem apresentadas, Saramago, Yi-Fu Tuan e Salles se encontram, na poesia da ilha desconhecida, na intimidade da configuração de lugar, no processo de criação que nos protege ao decorrer da vida, movendo-nos a nos autoavaliar e a nos reconstruir dia após dia e a tecer a poética por meio das artes visuais. Os fios contam do que somos feitos.



2025  
PO  
ET  
C

**Espaços de Crítica, curadoria e  
mediações em tempos de Inteligência  
Artificial**



## **Uso da tecnologia digital como ferramenta de educação patrimonial**

Sumika Hernandez;  
Giuliano de Miranda;  
Fabíola Fraga Nunes;  
José Cirillo

Este trabalho discute experiências de educação patrimonial desenvolvidas pelo Laboratório de Extensão e Pesquisa em Arte (Leena/UFES), articulando como eixo principal: O tabuleiro cultural, com peças em miniatura impressão 3D, dos monumentos históricos capixabas; aqui representados no jogo de xadrez; tendo como exemplo: o rei, o índio Araribóia e a rainha, Dona Domingas. A réplica, produzida em tecnologia 3D pelo Leena, tornou-se acervo permanente do laboratório, ampliando a acessibilidade do patrimônio cultural, inclusive para pessoas com deficiência visual, e possibilitando o uso das impressões em 3D no contexto educativo como uma ferramenta pedagógica. A iniciativa exemplifica o conceito de “arte pública expandida”, que desloca o monumento da função de marco urbano para se tornar mediador de processos sociais, educativos e identitários. Considerando que desde 2009, o Leena realiza pesquisas e levantamentos sobre a arte pública capixaba e, atualmente tem dialogado com a comunidade capixaba, a fim de qualificar sua atuação na mediação entre patrimônio, memória, inclusão e pertencimento; a utilização de tal ferramenta possibilita a promoção de uma “alfabetização do olhar”, fortalecendo vínculos afetivos com os monumentos urbanos e estimulando a valorização do patrimônio cultural local e pertencimento com o território vivido. Ao reunir as entregas a comunidade capixaba: tanto o tabuleiro cultural, quanto a réplica em 3D de Dona Domingas ao Museu de Ciências Biologia e História/PMV-ES, percebe-se a construção de uma estratégia mais ampla de democratização e descentralização do acesso aos bens culturais. O deslocamento do patrimônio artístico para o território vivido e o espaço escolar, aliado à diálogos com as comunidades e formação potencializando práticas interdisciplinares e inclusivas, que reconhecem o papel da arte pública na formação cidadã e na preservação da memória coletiva.



## **Quando a lama vira chão: uma investigação sobre identidade e espaço escolar.**

Sarah Damiani;  
Alice Brambati; S  
tela Maris Sanmartin

O presente estudo integra as pesquisas sobre criatividade, arquitetura e espaço educativo. Por meio da vivência cotidiana do chão da escola, observamos como os ambientes projetados da escola e as materialidades presentes nos diferentes espaços interferem na ação de cada criança e na interação entre elas. Nesta investigação destacamos a lama sempre presente no quintal de um Centro Municipal de Educação Infantil, localizado em Vitória-ES. A análise destaca a apropriação da lama pelas crianças nos tempos para brincar e fazer arte como oportunidade de retomada da identidade territorial, uma vez que o quintal gramado foi projetado em território de manguezal. Espera-se que o presente texto seja um convite para pensar a arquitetura escolar, reconhecendo os elementos locais como as “peles da construção” (Melo, 2022) que oportunizam diferentes maneiras de tornar o espaço escolar como lugar de identidade e pertencimento.



## **A irrupção das ferramentas de inteligência artificial generativa no processo criativo tradicional da ilustração de livros infantis: um estudo de caso da publicação “Alice and Sparkle” de Ammar Reshi**

Maria Clara Marins Rampinelli

O referido trabalho aqui apresentado possui como norte a observação da irrupção de ferramentas de inteligência artificial generativas de imagem no contexto da ilustração de livros infantis - aqueles destinados para crianças de até 12 anos (Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº8.069/1990). Observa-se no dado contexto o estudo de caso do livro “Alice and Sparkle”, do designer de produto americano Ammar Reshi, feito inteiramente com o uso de ferramentas de IA (ChatGPT para o texto e Midjourney para as ilustrações), publicado pelo autor e vendido no site de vendas Amazon. Como relevantes fatores que motivam o início da pesquisa, a devolutiva do público leitor, no geral negativa, acerca da publicação citada (em suma por conta de incongruências narrativas causadas por falhas da IA na geração das imagens) e crescentes debates on e offline sobre implicações da ausência da figura do ilustrador dentro do contexto dos livros infantis, se mostram definidores para compreender a importância de se observar o papel de tal profissional, autor de imagens e modalizador da relação entre leitor e texto verbal, dentro do dado contexto. O tema aqui discutido, o livro infantil ilustrado, se mostra para a criança um objeto educativo incontornável, seja pelo valor de experiências precoces que a imagem proporciona à criança, por onde pode criar e recriar o mundo através de seus sentidos, seja por colocar a criança como receptora de sua própria cultura, usufruindo e aprendendo no tempo e espaço em que vive (OLIVEIRA; SILVA, 2013, p. 1016). Em definitiva, observar o fenômeno da chegada das IA's no dado contexto, verificar possíveis suas consequências através da receptividade do público leitor e compreender o que muda quando o processo criativo das ilustrações deixa de ser o tradicional - aqui definido quando do início ao fim de sua cadeia temos a figura humana do ilustrador como detentor da autoria dos processos - mostra-se relevante, sendo esses objetivos que fazem parte da presente pesquisa.



## **Um diálogo ruidoso: o jogo da deliberação de Mouchette.org aos atuais chatbots.**

Rodrigo Hipólito dos Santos

Angela Grando

Ao atentar para a dimensão de jogo em Mouchete.org, distinguimos a importância do colaborador como peça (ferramenta) e como jogador (deliberador) na estrutura que compõe esse e outros trabalho de net.art. A propositora, Martine Neddham, construiu, em 1995, um site de interface aparentemente precária, que poderia ser criação de uma criança de 13 anos, personificada em Mouchette. Tal interface gera um contato ruidoso entre o público e a tela. O ruído, entendido por Derick Kerckhove como a “informação desnecessária” eliminada pela mente treinada e experimentada (2009, p. 126), é uma das características do trabalho que evidenciam a importância de escolhas e caminhos traçados na relação com a proposta. Para Vilém Flusser (2008, p. 118), esse poder de escolha é a qualidade de deliberar, própria do sujeito que joga com os dados disponíveis na era digital. Ao sublinhar as funções do propositor, do jogador e da interface desse trabalho, é nosso objetivo melhor compreender como a colaboração do público torna-se parte estrutural de Mouchette.org e permite que o site permaneça online ainda hoje. Apesar disso, a experiência de interação, décadas depois de seu lançamento, não apresenta a mesma eficiência. As mudanças nas interfaces dos aparelhos com os quais nos comunicamos e as práticas culturais surgidas de tais transformações tornam o diálogo confortável, convidativo e pouco consciente. Nesse novo cenário, ressaltamos o estatuto dos chatbots como inteligências não-humanas, comentado por Nikoleta Kerinska (2022). Compreendemos que a aproximação entre esse estatuto e propostas integrativas da net.art, como Mouchette.org, entendidos como personagens ficcionais, assim como suas distinções (como interfaces, modelos de interação e presença/ausência de programação AIML, LLM ou modelagem de conversação) abrem possibilidades para pensarmos com mais nitidez os caminhos das nossas relações com agentes comunicacionais não-humanos.



## **Territórios expandidos: virtualidade e realidade aumentada, seu impacto na arte e na produção e mediação de obras.**

Elvys Souza Chaves

Esta comunicação articula pesquisas sobre propostas artísticas e curatoriais apoiadas na virtualidade. O conjunto abrange exposições on-line, intervenções urbanas com camadas digitais acessadas por dispositivos móveis e a aplicação desse recurso no ensino de artes. A reflexão dialoga com o conceito de artemídia de Arlindo Machado, os fundamentos de realidade misturada de Milgram e Kishino e o debate sobre institucionalização da arte baseada em mídia, a partir de Christiane Paul. Metodologicamente, incluem-se revisão bibliográfica, análise documental, observação de processos e proposições didáticas. Investigamos transformações na montagem de exposições e no colecionismo em artes digitais, compreendidos como um campo em disputa atravessado por dimensões técnicas, simbólicas, econômicas e políticas. A pesquisa contrasta modelos institucionais e plataformas descentralizadas em blockchain, observando estratégias curatoriais, critérios de preservação e modos de legitimação. As discussões apoiam-se em autores que historicizam a artemídia e indicam consequências para a conservação e a visibilidade de obras, com destaque para Domenico Quaranta. Em outra vertente, analisamos a realidade aumentada como recurso no ensino de Artes Visuais no Espírito Santo, com foco no Ensino Médio, entre 2019 e 2025. O estudo reúne experiências em escolas, ações de valorização do patrimônio e vivências urbanas. Esses casos induzem percursos de fruição, narrativas visuais e mediações em contextos educacionais e públicos. A análise descreve soluções acessíveis e mostra ganhos de autoria e participação cultural quando articuladas a territórios e a objetivos pedagógicos claros. A discussão apoia-se em contribuições sobre mediação educativa, acessibilidade e gestão de dados.



## **Arte e matéria escura cultural: saturação estética, imagens e ruídos algorítmicos.**

Karyne Berger Miertschink Oliveira  
Maria Fernanda Sabine Santana;  
Daniel Hora

O presente trabalho tem como ponto de partida a compreensão da internet como espaço de difusão artística e de legitimação cultural, saturado por imagens cujas propostas poéticas e estéticas extrapolam temporalidades, estilos e tendências, produzidas por incontáveis usuários das redes e, mais recentemente, por inteligências artificiais. A fim de identificar características estéticas e poéticas inerentes a essa produção, o estudo observa obras de artistas brasileiros como Juan Calvet e João Victor Mathielo, relacionando seus aspectos visuais e estéticos a qualidades identificadas por Bulhões (2011) como "poéticas do território", que refletem ou subvertem as noções de fronteiras geográficas, políticas e culturais. Além disso, o trabalho situa essa produção como parte de uma massa criativa que escapa aos circuitos institucionais da arte, identificada por Gregory Sholette (2011) como “matéria escura” da arte, e analisa as relações e dinâmicas construídas em torno da produção e circulação de arte digital e entre usuários das redes, orientando-se pelas colocações de Hoelscher (2021), Steyerl (2020) e Prada (2020).



## **Embalados para viagem: os mercados de memórias coletivas em tempo de fruição e criação na era touch screen.**

Ciliani Celante Eloi Jeronymo

Nesta reflexão, pretende-se discutir sobre a prática exacerbada da presentificação do passado, costume observável nitidamente a partir do último quarto do sec. XX, estendendo-se até hoje, sob formas que permitem visualizar a existência de uma indústria cultural que se constrói sobre o discurso memorialístico. Essa nova ramificação do mercado surge junto com a necessidade de se criar estratégias de memorialização que se mostrem eficazes dentro de um contexto social midiático e consumista, onde numa contemporaneidade que se configura em rede expansiva e acelerada, vê-se o surgimento de tempos e espaços fractais, daí a sensação de instabilidade, de vivência não sorvida e experiência não sedimentada. No entanto, frente a um presente que parece revelar-se numa verdadeira fábrica de não-lugares, fisiologicamente a geração que inaugura o sec. XXI, ainda busca apalpar referências para uma identidade em comum, que lhes sirva de norte existencial, formando uma classe híbrida situada entre plataformas distintas de formação e retenção da memória, a saber, o espaço real psicofisiológico e o virtual ou cibernético, onde a problemática do qual contém qual, se torna pequena frente aos resultados gerados por esta vivência simultânea. Andreas Huyssen em *Seduzidos pela Memória* (2000), trata sobre a questão de uma certa cultura de evocação ao passado, em voga nas sociedades ocidentais a partir do final do século XX apontando a existência de uma mudança de interesse por presentificações de tempos ao lembrar que se o início do século XX foi marcado por objetivos de se vivenciar, se projetar no aqui agora um futuro, seu final se caracterizou pela tentativa de se evocar o passado. Por outro lado, somos levados a pensar que os recursos virtuais da mass media, hoje utilizados em larga escala, por exemplo, por seguidores obcecados pelas formas de arquivamento de memórias pessoais em seus recursos difusores interativos, típicos das redes sociais, como Facebook, X, Instagram, tiktok, Whatsapp, entre outros carregam em si uma intenção arquivadora, mais ligada ao sentido capitalista de acúmulo de bens do que a uma real necessidade



afetiva ou intenção memorializadora: quando se tornou impossível usufruir de toda oferta e transitar simultaneamente em todos os tempos e espaços disponíveis, estoca-se momentos para um tempo oportuno (e se possível oportunamente rentáveis). Além dos passados presentes, como coloca Huyssen, podemos falar dos futuros presentes e dos futuros passados já colocados por Koseleck (2006). Aqui podemos nos referir também ao sentido de quando a matéria prima principal do futuro planejado se constituirá do que ainda não passou, mas que já aconteceu, algo largamente praticado pelas redes sociais. Podemos considerar que as novas tecnologias de mídias citadas acima vieram funcionar em relação à memória como conversores de matéria para o capitalismo, vindo fazer as adaptações necessárias para que se tornasse possível converter a memória em produto circulante no mercado. Anne Cauquelin atribui essa realidade como sendo própria ao devir da modernidade onde “tudo que é produzido deve ser consumido para ser renovado e consumido novamente” (CAUQUELIN 2005), numa sociedade que foi capaz de canalizar tudo para ser mercantilizado, e aqui incluímos as memórias afetivas que como mercadoria precisam circular, escoar no circuito do consumo de massa. Observamos então uma tentativa de conversão e adaptação dos significados frutivos para atender as novas formas de vivências e experiências que se fazem no decorrer de processos criativos acontecidos de (e) para uma sociedade de líquida fruição.



## **O Uso da TV 3.0 na Disseminação e Ensino das Artes.**

Enyo Soares Pereira  
Leandro Lesqueves

A convergência digital ampliou o acesso à informação e modificou a forma como o conhecimento é transmitido, incorporando cada vez mais mídias, como imagens, gráficos, sons, olfato, tato, que estimulam múltiplos sentidos e favorecem novas experiências de aprendizado. Atualmente, vivemos na era da tecnologia da informação e da comunicação (TICs), considerada a quarta revolução industrial, propiciando uma ubiquidade de informação, que vem impactando profundamente a sociedade contemporânea, incluindo a ciência e a educação (CASTELLS, 2003). Ao longo da história, os avanços tecnológicos possibilitaram novas formas de expressões e interações, que contribuíram com a propagação de informação e a educação, utilizando os meios mais sofisticados de criação artística disponíveis em cada época, representado atualmente pela “artemídia” (MACHADO, 2007). Nos termos de Vizer (2008), vivemos uma sociedade “sociotécnica”, em que as relações sociais se fazem condicionadas e contextualizadas por mediações tecnológicas. Atualmente vivemos em um ponto nevrálgico de evolução, onde cada vez mais tecnologias convergem para se unirem, se transformarem, aproximando-se de forma assintótica das capacidades humanas, mudando a forma como propagamos informações, nos comunicamos e interagimos. O presente trabalho reflete sobre o potencial educacional e artístico de uma tecnologia que representa uma convolução da convergência da “artemídia”, conforme tratado por Arlindo Machado (2007), a TV Digital interativa do Sistema Brasileiro de TV digital (SBTVD), que atualmente é classificada como TV 3.0.



## **Tecnologia, arte e educação: o desenvolvimento do jogo digital Heróis Capixabas como ferramenta de apoio educacional.**

Maria Carolina Martins Afonso

Com o objetivo de fundamentar e desenvolver uma ferramenta de apoio cultural e educacional, esta pesquisa orienta-se para a produção do jogo digital Heróis Capixabas, voltado à divulgação histórica e artística de monumentos públicos do Espírito Santo. Além disso, busca-se instigar o uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) em ambientes de ensino-aprendizagem em arte no estado. Para a elaboração do material, foi realizada uma pesquisa bibliográfica organizada em quatro etapas: levantamento de referências, coleta de informações, análise explicativa e síntese integradora. Esse percurso permitiu compreender tanto o cenário da arte capixaba e sua relação com a educação, quanto o contexto histórico e cultural dos monumentos retratados no jogo. A partir disso, iniciou-se o desenvolvimento do game, primeiramente no software gratuito Ren'Py Visual Novel Engine, no entanto, posteriormente migrado para a plataforma Unity. Como resultado parcial, obteve-se a concepção da estrutura-base do jogo Heróis Capixabas, configurado como uma visual novel (romance visual) que aborda as origens dos seguintes monumentos públicos: o Busto do Soldado Aldomário Falcão, o Monumento ao Índio Araribóia e o Monumento a Domingos José Martins. O jogo encontra-se dividido em três capítulos e cada um dedicado à história de um monumento. Até o momento, encontra-se finalizado o primeiro capítulo, “O herói do Contestado”, que aborda a gênese do busto do Soldado Aldomário Falcão. Espera-se que, quando concluído, este trabalho contribua para a disseminação do patrimônio artístico e histórico capixaba, fortalecendo os vínculos entre tecnologia, arte e cultura nos espaços de aprendizagem.



## **Minha amiga IA - Um relato da experiência do processo criativo do saber-fazer artístico.**

Bruno Bissoli Pimenta

Relato a experiência de uso da inteligência artificial como apoio ao desbloqueio criativo em um processo artístico, diante da dificuldade inicial em conceber a imagem de um mural que representasse um caminho de chinelos perdidos nos vales de Itabira (MG). Esses chinelos evocam memórias ligadas às famílias migrantes dos anos 1970, que buscavam ouro nos rejeitos da mineração, perdendo calçados e sendo apelidadas de “pés-de-pombo” pelos pés acobreados. Esse cotidiano, próximo às barragens, ganhou novos significados após os desastres de 2015 e 2019. Em 2024, no contexto das medidas do Ministério Público para garantir segurança e informação, tive contato direto com a comunidade e suas identidades locais que formam o tecido social do território. Nesse mergulho surgiu a necessidade de traduzir visualmente a paisagem cultural, mas também o bloqueio diante da complexidade do tema. Ao utilizar a IA, me deparei com referências direcionadas pela minha intenção ao digitar no prompt, libertando o bloqueio criativo que me encontrava. A reflexibilidade do meu saber-fazer-dizer, revela questões culturais e experiências subjetivas do campo de conhecimento ao qual estou inserido na relação autor-obra-sociedade (FORTIN, 2010; SANTOS, 2017; MAIA, BATISTA, 2020). Expondo vulnerabilidades e potências específicas do meio da cultural visual (MONTEIRO, 2008) que estou inserido, trabalhando com o pensamento visual e o ato criador possibilitado pela prática artística (CATTANI, 2002). Buscando mapear com a pesquisa interdisciplinar em artes os modos empíricos e epistêmicos da cultura criadora visual no meu tempo e lugar, seu valor eurístico, através de dados etnográficos, demonstrando como funciona o trabalho do artista na relação de encomenda da obra, através da bricolagem metodológica (FORTIN, 2010) e da escrita criativa (CAPE - RICHARDSON, PIERRE, 2000, 2017), desvelando o jogo das identidades e ideologias, a história, teorias e críticas do “corpus teórico” ao qual pertencemos (CATTANI, 2002).



## **Modelagem 3D: do desenvolvimento tecnológico às IA's generativas**

João Victor S. Fernandes

O presente trabalho se apresenta como o desdobramento parcial de uma pesquisa de doutorado em paralelo com um projeto de extensão realizado pelo Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes (LEENA-UFES) que procura, além de aprofundar no estudo técnico e historiográfico da modelagem 3D, entender como o uso das inteligências artificiais generativas podem contribuir com a serialização e desenvolvimento dinâmico de modelos tridimensionais a serem impressos. Assim, este artigo pretende explorar a origem da Modelagem 3D no contexto da Guerra Fria nos Estados Unidos, investigando seu desenvolvimento histórico-científico desde meados do século XX até seus desdobramentos mais recentes. Além disso, buscaremos traçar pontos de intersecção entre a aplicação da Modelagem 3D como técnica de escultura contemporânea ao processo maquínico de incorporação das inteligências artificiais generativas no processo de criação escultórica.



## **Alianças Cosmopolíticas: agenciamentos diplomáticos entre os campos da arte e da ciência**

Fernanda de Souza Oliveira

Este resumo tem por objetivo apresentar uma investigação sobre as possíveis contribuições dos artistas visuais para os campos científicos e tecnológicos a partir de experimentações poéticas com a visualização de dados. Sob o escopo do campo da arte, ciência e tecnologia a discussão proposta insere a arte dentro de debates contemporâneos sobre o Antropoceno, a virada ontológica, o excepcionalismo humano e a visualidade como campo de disputa. Propõe-se, a partir de tais problemáticas, se apoiar na proposição cosmopolítica de Isabelle Stengers, para pensar as complexas relações que envolvem a troca de conhecimento de áreas aparentemente divergentes – como a arte e a ciência, no intuito de pluralizar as ontologias da “Ciência” e romper com o modelo Eurocêntrico e antropocêntrico dominante. A pesquisa se constrói a partir da vivência de uma artista inserida na paisagem de um laboratório de microbiologia amazônico, que busca estabelecer relações diplomáticas com a os diversos agentes (humanos ou não) que compõem a comunidade científica, para construir alianças cosmopolíticas entre os campos científicos e tecnológicos através da arte. O trabalho se apresenta como uma pesquisa-ação que se consolida nos processos de uma pesquisa poética em torno das operações que materializam uma visualização de dados. Assim como o antropólogo e sociólogo Bruno Latour, construiu uma etnografia de um laboratório, resultado de sua experiência de dois anos frequentando um laboratório de neuroendocrinologia – que deu origem ao livro *A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos* (1979) escrito junto ao sociólogo Steve Woolgar – essa pesquisa será construída a partir da experiência de uma artista dentro de um laboratório de microbiologia do Centro de Bionegócios da Amazônia (CBA). Mas diferente do método etnográfico, caro ao campo da antropologia, os procedimentos que conduzem a pesquisa aqui apresentada têm como base conceitos operatórios das poéticas visuais e dos processos de criação.



## **Entre Arquivos e Algoritmos: Convergências na Crítica de Arte e na Inteligência Artificial.**

Vanessa Pereira Vassoler

O estudo propõe examinar os espaços de convergência entre práticas críticas do passado e mediações tecnológicas contemporâneas, buscando compreender de que modo processos criativos e ecossistemas estéticos se estruturam a partir de dispositivos de seleção, visibilidade e exclusão. As atuações de críticas de arte como Maria Eugênia Franco e Vera Pedrosa evidenciam a presença de intelectuais que, embora fundamentais para a constituição de discursos culturais, foram relegadas a posições marginais na historiografia, revelando os mecanismos de gênero e poder que atravessam a legitimação simbólica. No presente, observa-se a emergência de novas formas de mediação cultural operadas por algoritmos e plataformas digitais, que atuam como agentes na circulação de obras, textos e valores estéticos. Ao organizar dados e estabelecer hierarquias de visibilidade, a inteligência artificial se configura como um dispositivo de filtragem comparável, em sua lógica seletiva, aos antigos gatekeepers institucionais, ainda que em escala ampliada e sob condições tecnológicas distintas. A investigação pretende estabelecer um diálogo crítico entre esses dois contextos, explorando continuidades e rupturas nos modos de construção do valor cultural. Nesse percurso, busca-se compreender como a crítica de arte feminina contribuiu para a configuração do campo artístico brasileiro e de que maneira tais processos históricos encontram ressonância nos atuais mecanismos digitais de mediação. O cruzamento entre arquivos e algoritmos, portanto, permite interrogar tanto o passado das exclusões simbólicas quanto os desafios presentes na formação de ecossistemas artísticos mediados por inteligência artificial.



## **Máquinas de adaptação: Inteligência Artificial, mediação técnica e políticas da criação.**

Natacha de Souza  
David Ruiz Torres

A relação entre arte e tecnologia não é recente e ganha novos contornos com a incorporação da Inteligência Artificial Generativa (IAG) em produções do vídeo. Essa inserção reacende debates sobre autoria e obra, instaurando um campo de experimentação estética em que artistas e sistemas técnicos interagem de forma contínua. O desenvolvimento das Redes Adversárias Generativas (GAN) introduzidas por Ian Goodfellow (2014) impulsionou a automação de processos de criação, possibilitando a geração de imagens e vídeos a partir de descrições textuais (prompts). Plataformas recentes (Liu et al., 2024) já operam nesse campo, levantando questões sobre autoria, agência e a relação entre artistas e máquinas. Manovich (2009) argumenta que os artistas contemporâneos respondem aos desafios de cada geração tecnológica, explorando criticamente seus potenciais e limites. Ao mesmo tempo, como observam Bezerra e Magni (2024), a aprendizagem estatística da IA depende de dados e regras prévias, o que não elimina, mas reconfigura, a dimensão criativa. Muitos artistas empregam prompts textuais como operadores semióticos, inserindo-se em práticas que tensionam a fronteira entre autoria humana e recombinação algorítmica. Um caso emblemático é a plataforma Showrunner (Fable Studios, 2023-2024), ferramenta usada para gerar episódios de South Park a partir de poucas palavras, revelando novas possibilidades e abrindo debates sobre originalidade, adaptação e autoria. Nesse horizonte, aproximações entre estudos de adaptação (Sanders, 2016) e estudos críticos de IA permitem compreender a IAG como uma “máquina de adaptação”, capaz de reconfigurar narrativas e estéticas de obras preexistentes. Mais que uma ferramenta, a IA atua como mediadora e coautora, ampliando os limites da criação audiovisual e problematizando noções de originalidade e criatividade na cultura contemporânea.



## **Espaços de convergência da moda no âmbito digital: processos e ecossistemas criativos na era da IA**

Guilherme Araújo Chane

Neste resumo, apresenta uma pesquisa prático-teórica que investiga como plataformas digitais de criação e exibição podem atuar como meio de expressão e mediação do público, da imagem e do ambiente, dentro do contexto da moda. A proposta reflete sobre os impactos dessas tecnologias na visibilidade de designers emergentes e nas dinâmicas socioculturais da indústria da moda como linguagem cultural, observando como tecnologias de modelagem e prototipagem 3D, realidade aumentada e o uso das redes sociais, têm reconfigurado estruturas tradicionais dentro da indústria. Para a elaboração deste resumo, será feita uma análise sobre como as plataformas digitais de criação e exibição vem sendo utilizadas por designers emergentes como ferramentas de expressão artística, visibilidade e inserção no mercado criativo, dando ênfase na utilização da inteligência artificial como aliada no processo. Como estudo de caso, analisaremos as marcas brasileiras Zebra 3D Studio e Studio Acci, com base na abordagem teórica e qualitativa, visando compreender como os designers utilizam das tecnologias para criação, exibição e inserção no mercado da moda na era da Inteligência Artificial. A análise parte de referenciais sobre arte digital, metaverso e plataformas de exibição, relacionando esses meios aos modos contemporâneos de propagação visual no ambiente virtual. Este projeto tem como objetivo propagar as novas formas de criação e exibição dentro da indústria da moda de acordo com as necessidades do contemporâneo visto a grande quantidade de usuários dentro dos novos meios de comunicação digitais, como cita autor Pilar Gonzalez: “Para designers de moda e marcas, aprender misturar o real com o digital vai tornar-se uma habilidade necessária para fazer a transição para o futuro. Da mesma forma, o design digital provavelmente atrairá uma enxurrada de produção criativa, então, designers e marcas devem entender como alcançar sua base de clientes enquanto dominando ferramentas digitais” (GONZALEZ, 2022, p 41)



## **Do barro ao algoritmo: uma experiência de estágio supervisionado no ensino fundamental.**

Maurício Jorge Ferreira Leal

O trabalho relata uma sequência didática aplicada no estágio supervisionado com turmas do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Cônego Mathias Freire, em João Pessoa-PB. A proposta integrou a arte indígena contemporânea de Denílson Baniwa e Isael Maxakali com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, utilizando técnicas tradicionais (desenho, colagem, modelagem em argila) e tecnologias emergentes (Inteligência Artificial). O objetivo foi desconstruir estereótipos culturais e promover a expressão criativa, conectando tradição e inovação no ensino de artes visuais. A sequência didática foi desenvolvida em quatro encontros, articulando os eixos da Abordagem Triangular: leitura de obras dos artistas indígenas, contextualização de suas narrativas culturais e produção artística. As atividades incluíram: criação de desenhos inspirados nas emoções das obras de Baniwa; colagem e intervenção com giz sobre personagens gerados por IA a partir de votação emocional das crianças; pintura com massinha de modelar baseada na obra “Rio dos Espíritos” de Maxakali; e modelagem em argila inspirada na lenda de criação Maxakali, com apoio de vídeo adaptado por IA. A culminância foi uma exposição interativa com um “robô crítico” de IA comentando os trabalhos. Observou-se alto engajamento das crianças nas atividades, com diferenças criativas significativas entre as faixas etárias: maior originalidade no 3º ano e maior adesão a modelos no 2º ano. A IA foi instrumento catalisador de interesse e personalização do conteúdo. A atividade colaborativa de colagem revelou estágios distintos de desenvolvimento socioemocional. A modelagem com argila e massinha proporcionou experiências sensoriais profundas e reflexões sobre cosmologias indígenas. A exposição final consolidou o processo, promovendo fruição estética e autorreflexão. A experiência demonstrou a viabilidade de integrar práticas tradicionais e tecnologias digitais no ensino de artes, valorizando a diversidade cultural indígena contemporânea. A mediação pedagógica mostrou-se crucial para equilibrar inovação tecnológica e profundidade conceitual, evitando a superficialidade. A sequência contribuiu para a desconstrução de estereótipos e para o desenvolvimento da expressão criativa e da criticidade dos alunos, reafirmando o papel da arte-educação na formação integral.



## **"A arte é nossa ou do robô?": IA generativa e experiências no ensino das artes visuais**

Maurício Jorge Ferreira Leal  
Robson Xavier da Costa

A interseção entre arte, tecnologia e educação tem reconfigurado o Ensino de Artes Visuais (EAV), desafiando práticas tradicionais. Nesse cenário, a Inteligência Artificial Generativa (IA Gen) surge como um recurso inovador para a produção e análise de imagens, abrindo caminho para reflexões sobre a construção do repertório visual dos estudantes, os limites da autoria e os impactos dessa tecnologia no processo de aprendizagem. Este trabalho tem como objetivo investigar as implicações pedagógicas do uso da IA Gen no EAV, analisando suas potencialidades e limitações para o desenvolvimento da leitura de imagens e da construção de narrativas visuais no Ensino Fundamental. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica sistemática, seguindo o protocolo PRISMA, com relato de experiência baseado em estágio supervisionado. A revisão, com recorte de 2015 a 2025, selecionou 12 estudos a partir de bases como SciELO, Scopus e Web of Science, organizando-os em três eixos: potencialidades, desafios éticos e metodologias de ensino. A experiência prática foi realizada em uma escola pública de João Pessoa-PB, com turmas do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. As atividades integraram ferramentas de IA Gen (OpenArt e Claude.ai) aos pilares da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2001): produção (criação de imagens via prompts textuais e intervenções manuais), apreciação (análise crítica das imagens) e contextualização (discussão sobre autoria e ética). Os dados foram coletados por meio de observação participante e documentação fotográfica. A revisão bibliográfica evidenciou que a IA Gen pode ampliar as possibilidades expressivas e o repertório visual dos alunos, atuando como catalisadora de processos colaborativos. No entanto, também apontou riscos como a padronização estética e dilemas éticos sobre autoria. Na prática, observou-se grande engajamento dos estudantes na criação coletiva de prompts e nas intervenções manuais sobre as imagens geradas, desenvolvendo vocabulário estético e habilidades metacognitivas. Dois desafios principais emergiram: questões de autoria, resolvidas com a documentação híbrida do processo (prompts coletivos + intervenções individuais), e a limitação infraestrutural, que impediu o acesso em tempo real à ferramenta. A mediação pedagógica mostrou-se crucial para equilibrar inovação tecnológica e pensamento crítico. Conclui-se que a IA Gen é uma ferramenta com significativo potencial para o EAV, desde que integrada de forma crítica e reflexiva,



preferencialmente aliada a metodologias consolidadas como a Abordagem Triangular. Seu uso não substitui, mas complementa as práticas tradicionais, ampliando as possibilidades de experimentação e promovendo a alfabetização visual. A mediação do professor é elementar para evitar a dependência tecnológica e fomentar a autonomia criativa dos estudantes. O estudo reforça a necessidade de políticas públicas que garantam infraestrutura e formação docente para uma implementação equitativa e significativa dessas tecnologias em contextos educacionais diversos.



## **A florestania e a arte: o compromisso ético com a Terra.**

Clarice Duarte Rangel  
Isabela Frade

Um escopo teórico para elaborar ações educativas no campo da arte integrado às questões ecológicas contemporâneas convoca a urgência de aproximação com outras epistemologias, no deslocamento da mentalidade discriminatória e aniquiladora do desenvolvimentismo subvertendo-o em ações para o bem-estar-comum, assim como o pertencer ao mundo reconhecendo outros modos de existir, no enraizamento do Ser em comunidade. Transformar a prática educativa inserida no paradigma instrucional e levá-la para o campo da comunicação é pensado através de um compromisso ético com a Biosfera. O educar volta-se para o cultivo do pensamento em estado selvagem - aquele estado de uma educação natural, como propunha Rousseau, permitindo que os processos de aprendizagem possam se desenvolver e complexificar em consonância a um ritmo interno. Coordenados a partir do diálogo entre os elementos do meio que, não hierarquizados, assumem diferentes papéis entre sujeitos ensinantes e aprendizes, todos intérpretes. Praticados em ambientes ricos em diversidade, como as florestas, se dão por estratégias geradoras de convívio entre diferentes organismos em seus meios de vida e comunicação. A denominada inteligência artificial de certo modo está próxima das formas cognitivas dos outros seres vivos e, em especial nas plantas, pois estas apresentam uma estrutura aberta, rizomática ou arborescente que opera por evolução calcada na experiência, em processos acumulativos de depuração sensível. O estudo de Mancuso sobre as plantas sugere proximidade crescente entre ciborgues e certos organismos e, a partir dessas bases, sustentamos a proposta de se estar em floresta e não jardim, em confiar no amadurecimento cognitivo em associação multidirecionada e diversa, não fechado em projetos e resultados previstos, com risco de uniformidade. A arte é em si mesma indeterminada, subsiste nela uma dimensão associativa e imaginativa em liberdade, caminho criativo para nutrir-nos dos sentidos de florestania.



## **Arte e matéria escura cultural: saturação estética, imagens e ruídos algorítmicos.**

Maria Fernanda Sabine Santana  
Karyne Berger Miertschink;  
Daniel Hora

O presente trabalho tem como ponto de partida a compreensão da internet como espaço de difusão artística e de legitimação cultural, saturado por imagens cujas propostas poéticas e estéticas extrapolam temporalidades, estilos e tendências, produzidas por incontáveis usuários das redes e, mais recentemente, por inteligências artificiais. A fim de identificar características estéticas e poéticas inerentes a essa produção, o estudo observa obras de artistas brasileiros como Juan Calvet e João Victor Mathielo, relacionando seus aspectos visuais e estéticos a qualidades identificadas por Bulhões (2011) como "poéticas do território", que refletem ou subvertem as noções de fronteiras geográficas, políticas e culturais. Além disso, o trabalho situa essa produção como parte de uma massa criativa que escapa aos circuitos institucionais da arte, identificada por Gregory Sholette (2011) como "matéria escura" da arte, e analisa as relações e dinâmicas construídas em torno da produção e circulação de arte digital e entre usuários das redes, orientando-se pelas colocações de Hoelscher (2021), Steyerl (2020) e Prada (2020).



**Concept Art: fundamentos e funções na indústria audiovisual. Hugo Bernardino Rodrigues e Maria Carolina Martins Afonso**

Hugo Bernardino Rodrigues,  
Maria Carolina Martins Afonso

A Concept Art constitui etapa fundamental na indústria audiovisual, abrangendo videogames, cinema e animações, ao transformar ideias em representações visuais preliminares de personagens, cenários e objetos. Diferencia-se da ilustração por não visar o produto final, mas a concepção de soluções criativas para atender às demandas do cliente. Sua prática remonta aos anos 1920, com os estúdios de animação, consolidando-se no século XXI pela popularização dos games e redes sociais. Atualmente, integra processos internos, de validação financeira e de promoção, sendo essencial à construção visual de universos ficcionais.



## **Do físico ao digital: Transformações no espaço de criação artística.**

Andressa da Silva Freitas

A pesquisa investiga a transformação do ateliê como espaço de criação artística diante da migração do físico ao digital, considerando implicações para a prática e para o corpo do artista. Parte de vivências e de reflexões no campo da arte contemporânea, observando como dispositivos como celulares, tablets e computadores operam como ateliês portáteis. Analisa-se a passagem do espaço físico, vinculado a cômodos domésticos e coletivos, para a experiência dos ateliês móveis, que possibilitam acesso remoto e contínuo à produção artística. Essa acessibilidade amplia as condições de criação, mas também traz contradições ao permitir a produção em todos os lugares e não lugares, no sentido discutido por Marc Augé. O estudo busca compreender como o ambiente atua sobre o corpo criador, alterando seus comportamentos e influenciando diretamente a obra, em diálogo com os escritos de Sandra Rey sobre a poética nas artes visuais, tratados como companheiros de observação. Argumenta-se que o ateliê, antes associado ao espaço físico de isolamento e experimentação sensível, passa a ser compreendido também como espaço mental, atravessado por memórias e afetos entendidos como forças que modulam a potência de um corpo. A portabilidade do ateliê reconfigura a experiência criativa, dissolvendo fronteiras entre criação e cotidiano, técnica e sensibilidade, gesto e código. Por fim, discutem-se os limites da liberdade criativa em contextos de precarização, apresentando o ateliê móvel como lugar de fricção entre desejo, técnica e política.



## **Altered Carbon: ressignificando Poe em tempos de Inteligência artificial.**

Telma Elita Juliano Valente

Trata-se de uma análise das duas temporadas da série de ficção científica *Altered Carbon*, disponível na plataforma de streaming Netflix - que foram exibidas durante os anos 2018 e 2020 – a partir da personagem Poe, uma IA gerente do Hotel Raven. Pretende-se verificar as similaridades entre essa personagem e o escritor Edgar Allan Poe, particularmente seus contos de suspense e horror - considerando-se a simbiose existente entre autor e obra - dentre outras referências literárias e estéticas. Para isso, aplicaremos o conceito de Tradução Intersemiótica - tradução que se faz por meio de linguagens ou sistemas de signos diferentes, na interpretação de signos verbais por meios não verbais ou de um sistema de signos para outro (JAKOBSON, 1969). A este aporte teórico somaremos a complementação realizada por Plaza (2008). Ou seja, sua tipologia de tradução ancorada na Semiótica de Peirce, especificamente, sua segunda tricotomia, que estabelece a relação do representamen (texto de chegada) com o objeto dinâmico (texto de saída), da qual podem resultar as traduções: icônica, indicial e simbólica. Ressaltamos que serão selecionados alguns elementos, tais como cenários, elementos de cena (props), citações literárias da personagem, entre outros. Com isso, almejamos demonstrar que há uma intersecção entre um autor do século XIX – ignorado e relegado quase ao ostracismo no seu tempo - com as mídias da contemporaneidade num processo de atualização e ressignificação de suas obras para a linguagem televisiva. Resta dizer, que esse estudo tem como base a pesquisa “Tradução intersemiótica: de Poe, Peirce e quadrinhos: um diálogo possível”, de autoria desta autora, desenvolvida no Estágio Pós Doutoral durante a pandemia - que teve como objetivo investigar as traduções intersemióticas de contos do autor citado para a linguagem dos quadrinhos – que poderá, neste momento pós pandemia, instaurar um diálogo com novos interlocutores.

# PROGRAMAÇÃO

## 08/10 (Quarta-feira)

. **A partir das 08:00 h** – Credenciamento  
(Hall do hostel Canela Verde) c/ café da manhã

. **10:00 h** – Sessão de Abertura

. **10:30h às 12:30h** – Bate-papo 1:  
Arte e circulação em tempos de IA  
Título: Simbioses críticas: arte, curadoria e IAs.  
Conversa com: Celina Lage, Daniel Hora.

. **12:30h às 14:00h** – Almoço

. **14:00h às 15:30h** – Bate-papo português:  
Título: Poética e Genética da Criação Artística.  
O Projeto Sphera e a Arte Pública na Era da  
Inteligência Artificial.  
Conversa com: José Guilherme Abreu  
(Universidade Católica de Portugal).

. **15:30h às 16:00h** – Parada do café

. **16:00h às 18:00h** – Rodada de comunicações

. **18:00h** – Exibição e debate do filme  
BLADE RUNNER (1982)

. **20:00h** – Confraternização (cozinha afetiva)

## 09/10 (Quinta-feira)

. **7:00h às 8:30h** – Café da manhã

. **9:00h às 11:00h** – Bate-papo 2: Mediações  
Portugal-Brasil e os processos criativo  
Título 1: Você sabe quem é Lili Miquela? Espirais  
de criatividade e caleidoscópios artísticos  
contemporâneos da/com a Inteligência Artificial.  
Conversa com: Paula Guerra  
(Universidade do Porto, Portugal).  
Título 2: Estudos de processos de criação em  
diálogo com a tecnologia.  
Conversa com Cecília Salles (APCG/ PUC-SP).

. **11:30h às 13:00** – Rodada de comunicações

. **13:00h às 14:00h** – Almoço

. **14:00h às 15:30h** – Workshops

. **15:30h às 15:50h** – Parada do café

. **15:50h às 18:00** – Rodada de comunicações

. **18:30** – Exibição e debate do filme  
METROPOLIS, de Fritz Lang (1927)

. **20:00** – Jantar típico (cozinha afetiva capixaba)

## 10/10 (Sexta-feira)

. **7:00h às 8:30h** – Café da manhã

. **10:00h às 11:30h** – Bate-papo 3  
Título: A Criatividade da IA pode  
dispensar o humano?  
Conversa com: Lúcia Santaella  
(PUC-SP).

. **14:00h às 15:30h** – Rodada  
de comunicações

. **15:30h às 16:00h** – Parada do café

. **16:00h às 17:30h** – Bate papo final  
e despedidas:  
Título: Cuidado com os sonhos:  
manualidade e tecnologia no  
processo criativo.  
Conversa com Isabel Sabino  
(FBAUL, Lisboa, Portugal).

. **18:00** – Recital de música

. **19:30** – Rodada de boteco  
com cozinha afetiva italiana

## 11/10 (Sábado)

. **09:00h às 10:00h** - Atividades de  
enquadramento cultural  
(atividade livre para os participantes)

. **10:00h às 12:00h** - Reunião da Comissão  
Organizadora para avaliação  
e encaminhamentos.

. **12:00 às 13:00h** – Encerramento  
do encontro.

# 2025 PO ET C S



Realização:



Laboratório de Pesquisa  
em Tecnologia e Inovação em Arte

Apoio:



GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO  
Secretaria de Ciência, Tecnologia,  
Inovação e Educação Profissional



Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA